



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**A CANÇÃO COMO FOMENTO À LEITURA E AO LETRAMENTO
POÉTICO.**

ALEXSANDRO ARAÚJO CAVALCANTE

**São Cristóvão - SE
2020**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**A CANÇÃO COMO FOMENTO À LEITURA E AO LETRAMENTO
POÉTICO.**

Trabalho de Conclusão Final (TCF)
apresentado ao PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS)
– UNIDADE DE SÃO CRISTÓVÃO - da
Universidade Federal de Sergipe (UFS), como
requisito necessário para a obtenção do título de
Mestre em Letras.

ALEXSANDRO ARAÚJO CAVALCANTE

**ORIENTADOR
PROFESSOR DR. ALEXANDRE DE MELO ANDRADE**

**São Cristóvão - SE
2020**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cavalcante, Alexsandro Araújo

C376c A canção como fomento à leitura e ao letramento poético
/ Alexsandro Araújo Cavalcante ; orientador Alexandre de
Melo Andrade .– São Cristóvão, SE, 2020.

149 f. : il.

Relatório (mestrado profissional em Letras) – Universidade
Federal de Sergipe, 2020.

1. Leitura (Ensino fundamental). 2. Letramento. 3. Música
na educação. 4. Música e literatura. 5. Poesia. I. Andrade,
Alexandre de Melo, orient. II. Título.

CDU 808



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA-POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS PROFLETRAS/SC



ATA DE DEFESA DA COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA PELO ESTUDANTE ALEXSANDRO ARAUJO CAVALCANTE PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE – PROFLETRAS. Aos seis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às quatorze horas, na sala de reuniões do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe, reuniu-se a Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado **ALEXSANDRO ARAUJO CAVALCANTE**, composta pelos professores doutores: **ALEXANDRE DE MELO ANDRADE** (Presidente da Banca), **ALBERTO ROIPHE BRUNO** (membro interno) e **LEONARDO VICENTE VIVALDO** (membro externo ao programa) para examinar o trabalho apresentado sob o título **A Canção como fomento à leitura e ao letramento poético**. O orientador, assumindo os trabalhos na qualidade de Presidente da Comissão, passou a palavra ao candidato, informando a todos o tempo limite de 20 minutos para a apresentação inicial. Terminada a exposição do mestrando, o Presidente passou a palavra a cada um dos membros da Comissão Julgadora, informando que o tempo previsto para a arguição era de trinta minutos. Após a arguição, a comissão deliberou sobre o resultado da avaliação do trabalho. Em relação ao título de “Mestre Profissional em Letras”, o mestrando foi considerado:

- ☒ APROVADO
() APROVADO COM RESTRIÇÃO
() REPROVADO

Parecer:

O TRABALHO ATENDE OS CRITÉRIOS DO PROF. LETRAS E REFORÇA A RELAÇÃO DA POESIA E DA MÚSICA DENTRO DA SALA DE AULA.

Para constar, eu, Luana Francisca da Silva Fraga (secretária), lavrei a presente ata, que será lida, aprovada e assinada pelos Membros da Comissão Julgadora. Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 06 de fevereiro de 2020.

ALEXANDRE DE MELO ANDRADE
PRESIDENTE

ALBERTO ROIPHE BRUNO
EXAMINADOR INTERNO

LEONARDO VICENTE VIVALDO
EXAMINADOR EXTERNO

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria, aos meus filhos, Estela e Alexsandro, e à minha esposa Cláudia.

Agradecimentos

Agradecer é um dos gestos mais dignos que o ser humano pode ter. É reconhecer que sozinho não se vai muito longe. Eis a minha manifestação de gratidão a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para esse singelo trabalho.

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

Agradeço à minha mãe por nunca deixar de acreditar e de me incentivar neste percurso.

Agradeço à minha família pela paciência em minhas ausências e momentos de isolamento.

Agradeço ao meu orientador professor Dr. Alexandre de Melo Andrade por me conduzir nessa jornada. Pelas indicações, pelas correções, pelas sugestões e por todo o tempo dispensado nas diversas modificações realizadas neste trabalho. Minha eterna gratidão a esse profissional e ser humano a um só tempo preparado, exigente, paciente e gentil.

Agradeço a todos os demais professores do Mestrado Profissional em Letras que procuraram, cada um à sua maneira, contribuir com esse trabalho. Em especial, agradeço ao professor Alberto Roiphe Bruno que sugeriu a confecção de um jogo que pudesse contribuir com esse trabalho.

Agradeço a todos os colegas do PROFLETRAS pela amizade, reciprocidade e encorajamento. Sem dúvida, essa é uma vitória coletiva.

Agradeço também aos meus alunos pelas críticas, observações e sugestões.

Agradeço às minhas coordenadoras em Rosário, Elilda e Neide, e em General, Carmem e Elenildes, pela compreensão desse momento.

Por fim, agradeço a Edijária da Silva Chagas, Secretária de Educação de Rosário do Catete, pela sensibilidade no reconhecimento do direito de redução em minha jornada de trabalho, para que pudesse me dedicar a esse mestrado.

Dizem que a gratidão é a memória do coração. Que Deus abençoe a todos vocês!

RESUMO: Em geral, incumbe à escola a tarefa de criar no aluno o gosto pela leitura, pela literatura e pela poesia, criando condições para incentivar a criatividade, a intuição e o ludismo, bem como despertar a sensibilidade artística e poética. Apesar disso, em consequência de uma distorcida visão utilitarista e mercadológica, a poesia e a arte em geral integram um campo não lucrativo e muitos professores do ensino fundamental sentem-se culpados quando ocupam as aulas de Língua Portuguesa com a literatura, com a poesia, e com a música. Consideram ser uma perda de tempo haja vista haver conteúdos gramaticais obrigatórios mais “necessários, úteis e urgentes”. O presente trabalho tem por objetivo estimular a leitura e promover o letramento poético através do trabalho com as músicas “Trem Bala” de Ana Vilela, “Pais e Filhos” da banda Legião Urbana e “Flor de Lis” de Djavan na turma do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Desembargador José Sotero Vieira de Melo do município de Rosário do Catete-SE. Além das músicas, será utilizado o jogo “Carteado Poético” criado para ampliar esse letramento. Serviram de embasamento teórico para nossas considerações os textos de Cândido (2011), Paz (2012), Staiger (1974), Todorov (2009), Compagnon (2012), Cosson, (2012), Neusa Sorrenti (2013), Goldstein (2006), Sylvia Cyntrão (2009) e Huizinga (2004).

Palavras-chave: Canção; Letramento; Leitura; Literatura; Poesia; Ensino Fundamental.

ABSTRACT: In general, it is the school's task to create in the student a taste for reading, literature and poetry, creating conditions to encourage creativity, intuition and playfulness, as well as arouse their artistic and poetic sensitivity. Despite this, as a result of a distorted utilitarian and marketing view, poetry and art in general form a non-profit field and many elementary school teachers feel guilty when they engage in Portuguese language with literature, poetry, and with the music. They consider it a waste of time as there are more “necessary, useful and urgent” mandatory grammatical content. This work aims to stimulate reading and promote poetic literacy through work with the songs “Trem Bala” by Ana Vilela, “Parents and Children” of the band Legião Urbana and “Flor de Lis” by Djavan in the 9th grade class of the elementary school of the Municipal School Judge José Sotero Vieira de Melo of the municipality of Rosario do Catete-SE. In addition to the songs, will be used the game "Card Poetic" created to expand this literacy. The theoretical basis for our considerations was Candido (2011), Paz (2012), Staiger (1974), Todorov (2009), Compagnon (2012), Cosson (2012), Neusa Sorrenti (2013), Goldstein (2006).), Sylvia Cyntrão (2009) and Huizinga (2004).

Keywords: Song; Literacy; Reading; Literature; Poetry; Elementary School.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 Relação Canção-Poesia.....	23
2. A MÚSICA, A CANÇÃO E A POESIA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS.....	26
3. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	30
4. OBJETIVOS.....	36
4.1 Objetivo Geral.....	36
4.2 Objetivos Específicos.....	36
5. METODOLOGIA.....	37
5.1 Motivação.....	37
5.2 Introdução.....	38
5.3 Leitura.....	39
5.4 Análise Estrutural.....	39
5.5 Interpretação.....	40
6. MÚSICAS.....	41
6.1 “Trem Bala”	41
6.2 “Pais e Filhos”	42
6.3 “Flor de Lis”	43
7. CRONOLOGIA.....	45
8. RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA.....	46
8.1 Da aplicação da canção “Trem Bala”	47
8.2 Da aplicação da canção “Pais e Filhos”	48
8.3 Da aplicação da canção “Flor de Lis”	53
8.4 Da aplicação do jogo “Carteado Poético”	55
8.5 Da culminância	58
9. DOS RESULTADOS DA NOVA SONDAÇÃO	60
Considerações Finais	63
Referências	65
Anexos.....	68

INTRODUÇÃO

Há um bom tempo que a poesia não vem tendo a importância que merece na sala de aula. Colocada em segundo plano, é muito comum o seu uso apenas como pretexto para fixação de conteúdos gramaticais.

Ofertar, desde cedo, a poesia e a música ao aluno tornará a leitura mais agradável, convertendo-a, muito provavelmente, num hábito. Nesse processo, cabe ao professor o imprescindível papel de mediador (entusiasmado e sensível) entre o aluno, o texto poético e o mundo.

Nesse contexto, convém ressaltar a prática de aulas com música, uma vez que são as preferidas dos alunos. Sempre ouço dos alunos coisas do tipo “trouxe o violão?”, “vai ter música hoje?”, “só leva o violão pra outras salas...”. Adoram cantar. E para cantar é necessário OUVIR, LER e FALAR (EXPRESSAR-SE): três das quatro habilidades linguísticas básicas que nos permitem agir socialmente no uso da língua.

A música tem esse poder de comunicar, de fascinar, de produzir efeitos de sentidos, de emocionar. Este é o nosso desafio: buscar uma abordagem “nova” (através da música) para um velho problema (desmotivação pela leitura e distanciamento da poesia). Enfim, acredito ser possível despertar o gosto no aluno pela leitura e pela obra literária através da música.

E por que utilizar, dentre todas as obras literárias, a música/poesia?

A poesia, apesar de ser um dos mais ricos e um dos mais belos gêneros textuais, como já dito, não vem encontrando espaço no ambiente escolar. A nosso ver, ela tem o condão de tornar a leitura mais prazerosa e tem o potencial para convertê-la num costume.

Aliás, a ligação entre poesia e música não é nova. Todas aquelas consideradas as primeiras grandes obras da literatura eram recitadas oralmente antes de se imprimirem na palavra escrita. Segundo os historiadores, há muito tempo atrás, era comum encontrar pessoas recitando a *Odisseia* de Homero, por exemplo, nas praças de Atenas.

Além disso, poesia e música têm muito em comum. Toda “boa música” nasce a partir de textos com “sentimentos poéticos”. A construção de algumas canções, sejam pelas imagens, efeitos, ritmo, melodia, sonoridade ou mensagem, remetem-nos a esse gênero textual.

Corroborando com essa ideia, há poemas: “E agora, José?” (Drummond – Paulo Diniz); “Canção Amiga” (Drummond – Milton Nascimento); “Fanatismo” (Florbela Espanca – Fagner); “Morte e Vida Severina” (João Cabral – Chico Buarque); “Traduzir-se” (Ferreira Gullar – Fagner), entre outros, que, apesar de, originariamente, não nascerem com esse propósito por seus autores, foram musicados.

Assim, comprovada a estreita relação entre música, leitura e poesia, reputo ser possível e necessária uma intervenção sobre a desmotivação para a leitura e uma (re)aproximação com a poesia através da música. Creio que essa é uma abordagem que vale a pena tentar.

Se grande parte dos problemas enfrentados pelo professor na sala de aula nasce da falta de leitura dos alunos (compreensão e produção textual, concordância, pontuação...), também é verdade que, muitas vezes, o aluno não lê porque não se sente motivado para tal. Na verdade, para muitos, a leitura é uma atividade extremamente cansativa e entediante.

Diante do exposto, pretendemos contribuir na transformação da nossa realidade com a inserção da música no cotidiano escolar como um convite à leitura de textos visando ao letramento poético.

Além dessa introdução, o presente projeto contempla a fundamentação teórica (abordagem dos autores e obras que dão suporte a este trabalho), a música, a poesia e a leitura nos documentos oficiais (reforça a legitimidade deste trabalho e demonstra a percepção oficial desta temática), a contextualização (apresenta-nos a situação concreta sobre a qual realizaremos a intervenção), a problematização (expõe o problema detectado em sala de aula), os objetivos geral e específicos, a metodologia (retrata como enfrentaremos o problema), o cronograma (indica a definição do tempo para a realização das atividades) e, por fim, as referências.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho tem como base teórica o texto de Antonio Candido *O Direito à Literatura*, que nos faz perceber a literatura como algo essencial ao ser humano; em Octávio Paz, *O Arco e a Lira*, Salvatore D'onofrio, *Forma e sentido do texto literário* e Emil Staiger, *Conceitos fundamentais da poética*, “Estilo Lírico: A Recordação”, que nos fornecem os conceitos básicos e fundamentais para compreendermos o gênero lírico; em Todorov, *A Literatura em Perigo* e Compagnon *Literatura para quê?*, que nos trazem uma reflexão sobre o ensino da literatura; nos artigos de Sylvia Cyntrão, “Cultura contemporânea: a redefinição do lugar da poesia”, de Anazildo Vasconcelos, “A série literária e a MPB” e de Mauro Santa Cecília, “Poesia e canção na corda bamba”, especialistas na teoria da poesia da canção que revelam um pouco da relação histórico-literária entre esses elementos; em Cosson, *Letramento Poético: Teoria e Prática* e Neusa Sorrenti, *A Poesia vai à Escola*, que vão nos fornecer, de maneira prática, sugestões de atividades para a leitura da poesia e para o letramento poético; em *Versos Sons e Ritmos* de Norma Goldstein que nos auxiliará na análise estrutural do poema para a sua posterior interpretação e, por fim, em *Homo Ludens* de Johan Huizinga que nos apresentará algumas características básicas do jogo.

Começaremos com o grande mestre da Literatura Antonio Candido.

A literatura, como bem nos aponta Antonio Candido, é uma necessidade essencial ao ser humano – um direito fundamental capaz de formar a personalidade do indivíduo, a sua visão de mundo e, por isso, o homem sem a literatura não estaria totalmente desenvolvido em sua humanidade.

Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2011, p. 186).

No entanto, em nossa atual sociedade, a fruição de alguns bens culturais está restrita a apenas algumas classes sociais, uma vez que a ignorância e a pobreza são dois grandes obstáculos à fruição da literatura mais elaborada.

Por essa razão, cumpre à escola o papel de apresentar ao estudante os mais variados textos literários a fim de que possa desenvolver-se, ampliar sua visão de mundo, evoluir intelectualmente e, assim, humanizar-se.

Segundo esse renomado crítico literário, os direitos humanos devem seguir o pressuposto de reconhecer que aquilo que é indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Nessa linha, explica os conceitos de bens compressíveis (dispensáveis) e incompressíveis (indispensáveis) do padre dominicano Louis-Joseph Lebreton:

Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas extra. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis. O primeiro litro de arroz de uma saca é menos importante do que o último, e sabemos que com base em coisas como esta se elaborou em Economia Política a teoria da “utilidade marginal”, segundo a qual o valor de uma coisa depende em grande parte da necessidade relativa que temos dela. O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra. (CANDIDO, 2011, p.173).

Candido explica que os bens incompressíveis vão além da sobrevivência física e os exemplifica: “São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o Direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.”. (CANDIDO, 2011, p.173).

Para esse autor, há necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização social e a literatura é uma obrigação desse tipo:

Mas a fruição da arte e da literatura estaria mesmo nesta categoria? Como noutros casos, a resposta só pode ser dada se pudermos responder a uma questão prévia, isto é, elas só poderão ser consideradas bens incompressíveis segundo uma organização justa da sociedade se corresponderem a necessidades profundas do ser humano, a necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora. A nossa questão básica, portanto, é saber se a literatura é uma necessidade deste tipo. Só então estaremos em condições de concluir a respeito. (CANDIDO, 2011, p.174).

Ainda segundo Candido, a literatura é uma necessidade universal que precisa ser satisfeita e constitui um direito:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi

parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.” (CANDIDO, 2011, p.175).

Como já exposto acima, uma vez que vamos trabalhar com a canção-poesia, convém fundamentar os conceitos fundamentais sobre a lírica através dos estudos de Emil Staiger e sobre o poema/poesia através da obra de Octávio Paz.

Em seu livro *Conceitos Fundamentais da Poética*, no capítulo que trata da lírica, Emil Staiger dá uma grande contribuição para o entendimento dessa expressão literária. A variedade métrica da lírica, a unidade entre sua forma e conteúdo, a ausência da necessidade de compreensão, a prevalência da musicalidade sobre a correção gramatical (lógica e formal), o amor como tema inesgotável e a poesia enquanto inspiração e recordação são conceitos basilares desse renomado autor.

Segundo Staiger, seria inócuo estabelecer um conceito/modelo único de lírica porque a poética teria que comparar todas as composições líricas (baladas, canções, hinos, odes, sonetos e epigramas) e seguir sua evolução para descobrir o que há de comum entre essas composições, chegando, finalmente, a um conceito global do que seria o gênero lírico. No entanto, no momento em que surgisse um novo artista lírico com um modelo inédito, o conceito perderia sua validade. Dessa forma, em se tratando de poesia lírica, não ter um modelo definido torna-se a regra, o padrão.

Ainda para esse teórico, não se distinguem entre si a forma e o conteúdo da poesia lírica, pois em sua criação, o metro, o ritmo e a rima nascem em uníssono com as frases. “O valor dos versos líricos é justamente essa unidade entre a significação das palavras e sua música.”. (STAIGER, 1974, p.22)

Ainda segundo Staiger, a poesia lírica não carece de explicação lógica, pois quanto mais se explica, mais se perde a sua essência. A ideia de lírico excluiria todo o efeito retórico. Assim, a fundamentação numa poesia lírica soaria tão indelicada quanto a atitude de um apaixonado que declarasse seu amor à amada, expondo razões lógicas para isso.

Nessa linha, Staiger assevera também que a música deve ter prevalência sobre a correção e a gramática:

Nem somente a música das palavras, nem somente sua significação perfazem o milagre da lírica, mas sim ambos unidos em um. Não podemos todavia criticar, se alguém se abandona mais ao efeito imediato da música; pois mesmo o poeta sente-se quase inclinado a dedicar uma certa primazia à parte musical, e, desvia-

se, por vezes, das regras e usos da linguagem determinados pelo sentido, a bem do tom ou da rima. (STAIGER, 1974, p.23-24).

Dessa forma, segundo Staiger, quando se quer exprimir liricamente tem-se que procurar ocultar, tanto quanto possível, este traço justamente essencial da linguagem. Deve-se, assim, buscar construções paratáticas (coordenadas) em detrimento das subordinadas.

Notamos um esforço nesse sentido na dissolução da estrutura sintática (3) na redução de frases a palavras soltas e sem nexos (3), em certo retraimento com respeito à torça registradora por demais nítida do auxiliar "ist" ("é"), principalmente na música da linguagem, que até certo ponto suga sua intencionalidade ou objetividade. (STAIGER, 1974, p.72).

Ainda para Staiger, e não por acaso as três músicas escolhidas tratam deste ponto, o amor é tema inesgotável da lírica e, citando Shakespeare, afirma que a música é alimento para o amor.

De todos os lados acena já agora o tema mais inesgotável da poesia lírica, o amor. A maioria dos grandes líricos foram; também grandes apaixonados — como estes de primeira categoria: Safo, Petrarca, Goethe, Keats. O poeta épico, em geral, era um ancião mesmo quando ainda em verdes anos. Assustam-nos em grandes autores dramáticos, como por exemplo Kleist e Hebbel, os traços de barbárie, principalmente no traquejo com mulheres. O poeta lírico, não; ele é "brando". (STAIGER, 1974, p.65).

Por fim, Staiger define a poesia lírica como inspiração e recordação:

...Versos líricos, entretanto, quando têm que ser declamados, só soam corretamente, enquanto ressurgem de profunda submersão, de uma quietude isolada do mundo, mesmo quando se trata de versos alegres. Eles precisam do encantamento da inspiração, e qualquer suspeita de intencionalidade continua aqui em desacordo. (STAIGER, 1974, p.22).

...O poeta lírico não produz coisa alguma. Ele abandona-se — literalmente (Stimmung) — à inspiração. Ele inspira ao mesmo tempo clima e linguagem. Não tem condições de dirigir-se a um nem a outra. Seu poetar é involuntário. Os lábios deixam escapar o "que está na ponta da língua". (STAIGER, 1974, p.28).

Já Octávio Paz, por sua vez, na introdução do seu livro *O Arco e a Lira*, trata de conceitos fundamentais ligados à poesia e ao poema.

A poesia, esclarece Paz, não está na forma como se escreve. O poema é um meio de se chegar à poesia, no entanto, não é o único. Há diversas formas de se fazer a poesia, porém cada poema é único.

Para o renomado poeta, pode haver poesia sem poema porque a poesia está nas coisas: “Há máquinas de rimar, mas não de poetizar. Por outro lado, há poesias sem poemas; paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesia sem ser poemas.” (PAZ, 2012, p.16).

Nesse sentido, quadros e músicas podem ser considerados poemas, desde que se neguem ao mundo da utilidade e transformem-se em imagens, convertendo-se assim em uma forma peculiar de comunicação. A poesia converte a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens.

Octávio Paz realiza uma desaprovação à crítica clássica por se preocupar em demasia com a aplicação das nomenclaturas tradicionais ao poema, bem como pela utilização de outras disciplinas, da estilística à psicanálise, para tentar explicá-lo. “A retórica, a estilística, a sociologia, a psicologia e o resto das disciplinas literárias são imprescindíveis se queremos estudar uma obra, porém nada podem dizer acerca de sua natureza íntima.”. (PAZ, 2012, p.18).

Enquanto Staiger concebe a poesia como inspiração, Paz fala em técnica poética. Para este, todo artista transforma a matéria prima, no caso do poeta, “liberta a palavra”. Nesse sentido, a palavra, na poesia, transcende, ultrapassa e, assim, pontes e portas se abrem para o outro lado da significação:

Cada poema é um objeto único, criado por uma técnica que morre no instante mesmo da criação. A chamada “técnica poética” não é transmissível porque não é feita de receitas, mas de invenções que só servem para seu criador... O estilo é o ponto de partida de todo projeto criador; por isso mesmo, todo artista aspira a transcender esse estilo comum ou histórico.” (PAZ, 2012, p.20).

A palavra, finalmente em liberdade, mostra todas suas entranhas, todos os seus sentidos e alusões, como um fruto maduro ou como um foguete no momento de explodir no céu. O poeta põe em liberdade sua matéria. O prosador aprisiona-a. Assim também ocorre com formas, sons e cores. A pedra triunfa na escultura, humilha-se na escada... (PAZ, 2012, p.26).

De acordo com Paz, a poesia transcende a história porque revela mais do que qualquer investigação histórica ou filológica. Cada poema é único. Em cada obra lateja, com maior ou menor intensidade, toda a poesia. Portanto, a leitura de um só poema nos revelará, com maior certeza de que qualquer investigação histórica ou filológica, o que é a poesia. Vale ressaltar aqui que já na Antiguidade Clássica, Aristóteles fazia uma distinção importante entre a poética e a história, ao considerar a primeira como cíclica e universal, e a segunda, linear e temporal.

Outro conceito fundamental em Paz é o de participação. É necessária a participação do leitor para a completude da obra. Cada vez que o leitor revive o poema, atinge o estado de poesia. Segundo ele, cada leitor procura algo no poema e não é incomum que o encontre, pois já o trazia dentro de si.

Além de Staiger e Octávio Paz, Salvatore D'onofrio é outro autor que teoriza sobre a lírica, especialmente sobre a ligação umbilical que existe entre poesia lírica e canção. Em sua obra *Forma e sentido do texto literário*, este autor sustenta que

O gênero lírico, portanto, em suas origens, está profundamente ligado à música e ao canto. Mesmo mais tarde, quando a poesia lírica deixa de ser composta para ser cantada e passa a ser escrita para ser lida, ainda conserva traços de sonoridade por meio dos elementos fônicos do poema: metros, acentos, rimas, aliteraões, onomatopeias (D'ONOFRIO, 2007, p.180).

Saindo um pouco da teoria lírica e poética, compete-nos, agora, adentrar no campo do ensino da literatura. Para isso, valemo-nos das ideias de Todorov e Compagnon.

Em seu livro *a Literatura em perigo*, Todorov também compartilha do sentimento de Candido, quando assume que a literatura o ajuda a viver e quando apresenta uma visão humanista da literatura. Segundo ele, o leitor pode, através da obra, compreender melhor o homem e o mundo e, assim, enriquecer sua existência. Isso o levaria a compreender melhor a si mesmo. Em suas palavras:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos faz compreender melhor o mundo e nos ajudar viver [...] ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p.76).

Antes estudioso do estruturalismo, Todorov revela a importância de concentrar o ensino de Letras na obra em si, independentemente de críticas, resenhas ou trabalhos sobre o texto em análise, ou seja, a escola deveria transmitir a literatura através do sentido das obras, e não do sentido que este ou aquele linguista lhe atribui. Não se deve confundir, assim, o ensino da literatura com a história da literatura e/ou os estudos literários.

Assim, a escola deve, em primeiro lugar, colocar o aluno em contato com a obra literária em si para que possa formar suas próprias impressões, gostos, opiniões, dúvidas, sentidos, sentimentos, enfim, para construir a sua própria experiência com a criação literária e, por tabela, com o universo, estabelecendo uma relação do texto com sua vida e história.

Nesse sentido, faz-se necessário, segundo Todorov, inicialmente **aproximar o leitor do texto** (que é a proposta deste trabalho). Segundo ele, obras como *Os três mosqueteiros* e *Harry Potter*, por exemplo, levaram muitos jovens ao universo da leitura, o que já é um importante passo. A partir desses livros, esses leitores poderão chegar na grande literatura, ou seja, leituras posteriores poderão ser mais complexas e moduladas à bagagem cultural que o aluno já construiu.

Importante ressaltar que Todorov, com esse pensamento, não procura eliminar ou diminuir a contribuição do estruturalismo. O que ele sugere é não deixar que os eixos estruturais prevaleçam sobre a emoção estética da obra, mas que sejam notados como instrumentos pelos quais, muitas vezes, o literato alcança os efeitos pretendidos.

Outro teórico que fundamenta este trabalho, Compagnon acredita que a literatura é um remédio que liberta o indivíduo de suas sujeições às autoridades. Através da experiência e do exemplo, guia e educa melhor que as regras estabelecidas rigidamente. Além disso, corrige os defeitos da linguagem. Deleita e instrui ao mesmo tempo, tornando-nos sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. Em resumo: “[...] a literatura é um exercício de pensamento; a leitura, uma experiência dos possíveis.”. (COMPAGNON, 2009, p. 66).

Para esse eminente professor, a literatura sofre a concorrência em todos os seus usos, ainda assim se mantém. “A literatura é substituível? Ela sofre a concorrência em todos os seus usos e não detém o monopólio sobre nada, mas a humildade lhe convém e seus poderes continuam imensos; ela pode, portanto, ser abraçada sem hesitações e seu lugar na Cidade está assegurado.” (COMPAGNON, 2009, p.72).

Além desses teóricos do ensino da Literatura, buscamos embasar o presente trabalho com alguns especialistas na teoria da poesia-canção como a professora Sylvia Cyntrão, o professor Anazildo Vasconcelos e o poeta e letrista Mauro Santa Cecília.

Segundo Sylvia Helena Cyntrão (2009), em seu artigo: “cultura contemporânea: a redefinição do lugar da poesia”, a partir da globalização, sobretudo a partir da década de 1990, o lugar do sujeito na poética brasileira é na canção popular urbana. Para Cyntrão

A lírica de Chico Buarque ou de Marisa Monte, o rap, o movimento Manguê Beat, de Chico Science, e tantas forma diferenciadas de expressão musical formam um conjunto plural, expressão de um fenômeno chamado “dissemiNação”, vocábulo cunhado também por Homi Bhabha – que explica a

expressão simultânea de múltiplas subjetividades partindo de vários centros, dentro de um mesmo espaço geográfico. (CYNTRÃO, 2009, p.47).

A referida autora entende o texto poético como um produto cultural, que trabalha a transfiguração do real, manipulando um capital simbólico coletivo. Assim, o poeta contemporâneo estaria situado entre o local e o global, o “entre-lugar”, espaço estético de intervenção onde o sujeito é livre para ressignificar o imaginário que o impulsiona.

Para explicar melhor esse processo, a referida autora empreende um recuo cronológico a 1920 com o advento do samba e seu declínio a partir de 1960, quando debuta o tropicalismo de Chico e Gil; transita pelo rock dos anos 80 com Renato Russo e Cazuza, por Arnaldo Antunes e Chico Science na década 90 até chegar ao movimento Mangue que, segundo Cyntrão, descentraliza e promove uma mistura de ressignificação da tradição. Assim:

O mundo desenhado por Caetano na década de 70, e por Science e Antunes, a partir de 90, como estamos vendo, apresenta uma consciente hibridização, em oposição à homogeneização unitária da primeira metade do século XX. A roda de samba se rompe como porta-voz social.”. (CYNTRÃO, 2009, p.49).

Ainda para Cyntrão, as letras das canções são representantes legítimas desse projeto poético brasileiro: “Os poemas contemporâneos – e considero as letras das canções mencionadas como representantes legítimas do projeto poético brasileiro – hoje convivem num espaço de discursos diferenciados e plurais. “Um espaço dialogicamente inclusivo, felizmente”. (CYNTRÃO, 2009, p.49).

Já para Anazildo Vasconcelos, todo processo de implantação de um novo movimento literário se dá através de um processo de ruptura com uma tradição literária vigente por uma nova concepção que lhe dá continuidade. É o que ocorre com as vanguardas (Poesia Concreta, Poesia Práxis, Poema Processo e Poesia Semiótica) que, explorando as inúmeras formas possíveis de linguagem, aproxima-se das artes plásticas, deixando a tradição verbal da poesia feita em prosa e verso. As opções ao poeta nesse momento histórico-literário são as de se alinhar ao movimento vanguardista, produzir a sua poesia à margem do sistema (poesia marginal) ou buscar uma nova esfera de atuação e expressão através da música popular brasileira. É aí que a poesia apodera-se da canção.

Diante de tal quadro as alternativas para os poetas da geração de 1960 que não comungavam com as ideias formalistas da vanguarda, comprometidos que estavam ainda com a tradição verbal da poesia feita de palavras e versos, eram produzir e publicar sua obra em silêncio, afrontando os padrões ditados pelas vanguardas, ou buscar outros campos de atuação. Foi assim, por tais injunções,

que a poesia invadiu o setor da música popular e ganhou o rádio e a televisão, e o palco dos festivais da canção virou plataforma de lançamento dos manifestos poéticos da geração de 1960. (SILVA, 2009, p.52).

Nesse sentido, Anazildo ratifica o entendimento de Cyntrão de que a MPB canalizou, a partir da década de 1960, boa parte da produção poética contemporânea brasileira. Ainda segundo este estudioso

Com isso, abriam-se duas opções para os poetas não vanguardistas, da geração de 1960: invadir o setor música popular e gravar discos, ou fazer da marginalidade mesma a condição de sua permanência, exibindo-se em precárias edições populares, inclusive mimeografadas ou datilografadas, não raro distribuídas e vendidas pelos próprios autores nas faculdades, na porta de cinemas e de teatros e em eventos populares. (SILVA, 2009, p.53).

Foi nesse contexto de divisão, entre os vanguardistas de um lado, e a MPB e a poesia marginal de outro, que muitos poetas, em carreira solo ou em parcerias, se enveredaram pelo caminho da MPB como forma de manutenção da tradição verbal poética. Além disso, outros tantos poemas foram musicados. Assim, segundo Silva

São exemplos disso: a presença na MPB de reconhecidos poetas da série literária, por si mesmos, como Vinícius de Moraes e Capinam, ou através de parceria musical, como João Cabral de Melo Neto e Cecília Meireles, com obras musicadas por Chico Buarque; Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira com obras publicadas por Paulo Diniz; Gregório de Matos, Sousândrade, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos e Ferreira Gullar por Caetano Veloso, Cassiano Ricardo e Fernando Pessoa, por João Ricardo; Castro Alves, por Carlos Imperial, e tantos outros; (SILVA, 2009, p.53-54).

Assim, Silva defende não só a legitimação do trabalho poético de toda essa geração (vanguardista, marginal e musical), como também o reconhecimento e integração dessa produção poética dentro da Literatura Brasileira. A MPB, por exemplo, passa a despontar em diversas instâncias de legitimação literárias (teses, ensaios, artigos, antologias, livros didáticos, entre outros). Nesse sentido, nas palavras dele:

Expressava a opinião, defendida durante esses anos todos, de que a avaliação da produção poética da geração de 1960, dentro e fora da MPB tinha de ser feita no âmbito da Literatura Brasileira, de acordo com os padrões críticos que definem a evolução das formas literárias e não apenas no contexto paraliterário. E é com satisfação que constato a incorporação definitiva dessa postura crítica à nossa historiografia literária, comprovada na farta bibliografia, incluindo teses, antologias, Songbooks, ensaios críticos e históricos, além da inclusão da MPB nos livros didáticos de ensino fundamental e médio, efetivando, assim, a integração de toda a produção poética da geração de 1960. (SILVA, 2009, p.54).

Ainda para Silva, a cooperação entre música e poesia favoreceu sobretudo esta última que recuperou a sua oralidade e ganhou amplitude em sua divulgação através dos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, festivais da canção). Para o referido autor, as técnicas gráficas tradicionais da escrita poética estavam em desvantagem em relação aos canais de comunicação de massa (sonoro e visual).

No caso brasileiro, a invasão da MPB por um grupo poético da geração de 1960 proporcionou o encontro entre música e poesia que foi importante, sobretudo, para a poesia, primeiro por recuperar a oralidade do poema e, segundo, por utilizar um poderoso canal de comunicação de massa. O canal gráfico, via tradicional da comunicação literária, em que pese o aperfeiçoamento das técnicas gráficas, está sensivelmente defasado se comparado aos canais de comunicação de massa, o sonoro e o visual, uma vez que a leitura continua sendo um ato solitário. (SILVA, 2009, p.56).

Outro teórico da canção, além de poeta e letrista, Mauro Santa Cecília faz uma reflexão, em seu artigo “Poesia e canção na corda bamba”, sobre sua experiência no entendimento entre poesia e canção numa perspectiva prática: a influência recebida pela geração do rock de 1980, como deixou seu emprego fixo na embaixada do Japão, onde ganhava em dólares, para viver “na corda bamba” de poesia e composições musicais, as particularidades entre escrever uma poesia e compor uma canção, a emoção do seu primeiro poema musicado “Por você” – Frejat, que se tornou um grande sucesso, a adaptação à canção do poema de Baudelaire “Embriague-se”, também a adaptação à canção de um texto atribuído a Victor Hugo “Amor pra recomçar”, enfim, de como mergulhou no universo musical através da poesia. É importante destacar nesse texto a íntima relação existente entre poesia e canção.

Para começar, Cecília nos relata sobre a influência recebida pelo rock nacional da geração de 1980, que teve como ponto positivo levar os jovens brasileiros a ouvir canções em português.

Para os artistas da minha geração – os nascidos na década de 1960 -, a letra de música tem uma importância muito grande. Somos uma geração que se criou lendo os encartes dos discos de Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil, como se livros fossem. No início dos 80 houve uma explosão do rock nacional com Blitz, Paralamas do sucesso, Titãs e Barão Vermelho, entre outros, e a música preferida dos jovens brasileiros passou a ser cantada em português (CECÍLIA, 2009, p.59).

Também corroborando o que já fora dito por Cyntrão e Silva anteriormente, Cecília destaca que a poesia buscou novos caminhos – fora transportada para o som e conquistou em

cheio o público jovem. A tradição que tem a música brasileira de belas letras, seja no samba de Noel Rosa, Cartola ou Nelson do cavaquinho, seja na Bossa Nova ou MPB de Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Chico Buarque, ou no tropicalismo, com Caetano Veloso e Gilberto Gil à frente.

Tivemos a oportunidade de contar, no início do rock nacional dos anos 80, com verdadeiros poetas que consolidaram e enriqueceram o gênero, como Cazuza, Renato Russo e Arnaldo Antunes, entre outros nomes importantes. Foi transportada para o som o que agradava em cheio o público jovem a tradição que tem a música brasileira de belas letras, seja no samba de Noel Rosa, Cartola ou Nelson do cavaquinho, seja na Bossa Nova ou MPB de Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Chico Buarque, ou no tropicalismo, com Caetano Veloso e Gilberto Gil à frente. (CECÍLIA, 2009, p.59- 60).

Vale destacar algumas conclusões, fruto da experiência, a que chegou Mauro Santa Cecília, sobre a composição em canção e poesia. Para ele, enquanto a canção deve estar combinada a uma melodia e a uma harmonia; a poesia, ao contrário, é totalmente livre, deve estar presa unicamente a sua lógica interna, o seu único compromisso é consigo mesma

Uma canção pode até não ter rima ou refrão, mas a letra terá sempre de estar atrelada a uma melodia. A poesia, não. Ela é totalmente livre, presa somente à sua lógica interna e nada mais. Isso faz com que a letra de música para funcionar, tenha de casar-se com a melodia e a harmonia. O casamento da poesia é com ela mesma. (CECÍLIA, 2009, p.60)

Além disso, vale destacar também as possibilidades de como, segundo Cecília, o compositor constrói a sua canção: da melodia para a letra da canção (a forma mais comum), da letra da canção para a melodia (onde podem acontecer as musicalizações dos poemas) e, por último, quando são feitas a um só tempo, ou seja, nascem juntas.

A letra de música pode ser feita de três modos distintos. No primeiro, a letra é escrita em uma melodia pré-existente. O letrista precisa encontrar as palavras certas para se acomodarem na frase musical. Não adianta nada dar uma de poeta e criar um verso inspiradíssimo se este não couber no desenho da melodia. Esta é a forma mais usual, a preferida dos músicos. No segundo modo, a letra é escrita antes da melodia. Neste caso, é necessário que o letrista desenvolva texto passando a priori que os versos devem conter ritmo e musicalidade para facilitar o trabalho do parceiro que fará melodia e harmonia. No último, letra e melodia são feitos ao mesmo tempo, juntas, e, neste caso, pela necessidade de soluções instantaneamente casadas, quase sempre o criador de ambas é o mesmo autor. (CECÍLIA, 2009, p.62).

Por fim, Cecília explica que, independentemente da ordem em que sejam feitas as composições, após esse processo, o produto final música se torna mais importante do que a soma das partes.

Mas o que interessa de fato, independentemente do modo de como é feita, é que a canção seja um corpo só, e que letra e música estejam unidas de forma harmônicas, dando lugar a uma terceira coisa, que possa ser mais relevante ou expressiva do que suas partes em separado.”. (CECÍLIA, 2009, p.64)

Após todos os esclarecimentos sobre a relação histórico-literária entre canção-poema, cabe-nos adentrar na questão precípua deste trabalho: como despertar o gosto pela leitura e levar o lirismo poético através da canção para a sala de aula? Nesse ponto, utilizaremos como base o livro *A Poesia vai à escola*, da professora Neusa Sorrenti.

Segundo Sorrenti, a poesia infantil passadista tinha por escopo uma doutrinação moralizante e pedagógica que não combinava com a arte. Com o surgimento do Modernismo, explorou-se a palavra como matéria prima do poema carregada de sonoridades e embalada pelos ritmos. Desse modo, adotaram-se os critérios da sonoridade, adequação temática e compositiva para fazer a transposição da leitura de poemas de adultos para crianças.

Apesar do texto poético não ser compartimentado por faixa etária, abriu-se também uma discussão sobre o uso adjetivo infantil na poesia. Muitos estudiosos não acreditam em poesia de inspiração infantil ou adulta, muito embora alguns temas, composições e sonoridades chamem mais atenção ao universo infantil.

Para Sorrenti, o desafio de levar a poesia à escola é ainda maior com os adolescentes que estão mais ocupados com a nova tecnologia e enfrentam uma fase aflitiva. Nesse sentido, somente a qualidade do texto não garante a boa leitura que o aluno fará. É preciso que o professor leve a poesia ao adolescente com carinho, entusiasmo, competência, sinceridade e emoção.

Sorrenti explica que o texto desabafo, poema confessional do aluno, não constitui a poesia propriamente dita, embora possa se tornar um ponto de partida uma vez que a poesia requer tempo.

A referida professora sugere como atividade musicalizar poemas e estudar em classe canções da música popular brasileira, foco maior desse trabalho, para em seguida propor a

leitura dos clássicos: Drummond, Bandeira, João Cabral, Cecília, Quintana – pedindo a turma que selecione os poetas/poemas que mais gostaram.

Segundo Sorrenti, as características mais marcantes do texto poético são a sonoridade, a plurissignificação e os neologismos. A leitura em voz alta ajuda na percepção dos sons e cadência rítmica das sonoridades; o poema, plurissignificativo, possui vários sentidos a serem explorados, sempre cabendo novas descobertas. E é preciso aventurar-se para trazer novas possibilidades de enunciação quando as palavras dicionarizadas já sofreram o seu desgaste natural.

Para Sorrenti, o trabalho com terminologias deve ser feito de acordo com cada turma. Estudar versificação na escola não garante o gosto pela poesia e ainda pode afastar os adolescentes do prazer poético. No entanto, caso exista amadurecimento e interesse da turma, nada impede que o professor apresente ou relembre algumas noções de versificação que lhes servirão de apoio e ampliação de recursos.

Por fim, Sorrenti nos apresenta algumas sugestões para a leitura do poema em classe: antes de pedir a leitura do aluno, convém proporcionar um tempo para preparação, a fim de perceber pausas, ritmos, aumentar o volume; é importante que primeiro o professor faça uma leitura padrão, a fim de nortear o futuro trabalho de leitura do aluno; elogiar quando o aluno fizer uma boa leitura; após a leitura individual propor a leitura em coro (jogral), com vozes alternadas, coro e solo; incentivar a turma a fazer apresentações em público.

Para tornar mais interessante o poema, pode-se pensar em atividades voltadas para a canção, aplicada ao poema, que pode ser apresentado à criança por meio de cantigas de roda, canções folclóricas, parlendas, cadência marcada com palmas e instrumentos de percussão.

Desse modo, o poema se transforma numa alegre brincadeira e ao mesmo tempo é um estímulo à criatividade perceptiva das crianças. Sorrenti sugere, ainda, começar com as canções de redondilha maior e menor “Ciranda, cirandinha”, “Terezinha de Jesus”, “Peixe Vivo”, “Asa Branca”.

A fundamentação teórica referente a Cosson e Norma Goldstein encontram-se na metodologia haja vista que será confeccionado um caderno pedagógico tomando por eixo a sequência didática básica (modificada) desse autor e que alguns aspectos, para uma análise da estrutura das canções com enfoque no livro *Versos, Sons e Ritmos* da referida autora, serão trabalhados.

Além de todos esses renomados teóricos, na etapa específica ao jogo carteadado poético, trataremos alguns características básicas do jogo segundo Johan Huizinga.

1.1 A Relação Canção-Poesia

A fim de melhor embasar a proposta contida neste trabalho, convém demonstrar e reforçar a estreita relação existente entre a música e a poesia ao longo da história.

Desde a antiguidade clássica, na Grécia, percebemos a relação entre a música e a poesia. Safo, antiga poeta grega da ilha de Lesbos, ficara conhecida por sua poesia escrita para ser cantada ao som da lira. Seus poemas eram feitos para serem lidos e cantados em público, em cerimônias religiosas, banquetes e outros eventos. Foi a primeira autora feminina conhecida em toda a história.

Infelizmente, a maioria dos poemas dessa poeta se perdeu ao longo do tempo e o pouco que se conservou chegou até nós através de fragmentos. Seu único poema completo a chegar aos dias atuais é intitulado *Hino a Afrodite*.

Afrodite imortal de faiscante trono
filha de Zeus tecelã de enganos peço-te:
a mim nem mágoa nem náusea domine
Senhora o ânimo

Mas aqui vem - se já uma vez
a minha voz ouvindo-a de longe
escutaste e do pai deixando a casa
áurea vieste

atrelado o carro. Belos te levavam
ágeis pássaros acima da terra negra
contínuas asas vibrando vindos do céu
através do ar,

e logo chegaram. Tu ó Venturosa
sorrindo no rosto imortal indagas
o que de novo sofri, a que de novo
te evoco,

o que mais desejo de ânimo louco
que aconteça. "Quem de novo convencerei
a acolher teu amor?" "Quem, Safo, te faz sofrer?"

"Se bem agora fuja, logo te perseguirá,
se bem teus dons recuse, virá te dar,
se bem não ame, logo amará - ainda que
ela não queira."

Vem junto a mim ainda agora, desfaz
o áspero pensar, perfaz quanto meu ânimo
anseia ver perfeito. E tu mesma - sê
minha aliada.

Disponível em: <http://primeiros-escritos.blogspot.com/2007/05/safo-2-hino-afrodite.html>. Acesso em 9 de dezembro de 2018.

Além de Safo, Orfeu (mitologia grega), poeta e médico, teria sido o mais talentoso dentre todos os músicos. Orfeu era filho da musa Calíope e, segundo alguns, do deus Apolo, que presenteou o filho com uma lira. Reza a lenda que o canto dele encantava e comovia as pessoas, as coisas e os seres. A fim de resgatar sua amada Eurídice do mundo dos mortos, Orfeu, ao tocar a sua lira, consegue convencer o barqueiro Caronte a atravessá-lo para o mundo inferior, adormecer Cérbero (cão de três cabeças) e, até mesmo, comover o sombrio e temido Hades (deus do submundo) a trazer Eurídice ao mundo dos vivos.

Apesar de ter conseguido convencer Hades a trazer Eurídice ao mundo dos vivos, Orfeu não cumpre com o acordo de só olhar para a amada, que o seguia, ao chegar ao mundo dos vivos. Assim, perde Eurídice pela segunda vez.

De volta ao mundo dos vivos, Orfeu continua a encantar com sua lira. A ausência da amada Eurídice provoca no poeta um sentimento de perda, de vazio que passa então a ser mote de suas canções. É com a música, poesia, que o poeta lembra a sua amada e busca algum sentido que o prenda à vida.

Esse é mais um momento em que música e poesia se unem e encantam, e convencem, e emocionam, e comovem...

Vale ressaltar que as figuras míticas de Safo e Orfeu foram utilizadas, reescritas, adaptadas e interpretadas por grandes escritores da literatura brasileira, inclusive em filmes. Vinícius de Moraes, por exemplo, adaptou o mito órfico para os tempos modernos em *Orfeu da Conceição*; Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “Canto órfico”, e Murilo Mendes, no poema “Orfeu”, do livro *As metamorfoses*, transcrito abaixo:

O sino volta de longe,
Desperta a ronda infantil.
Os homens-enigmas passam,
Não reconhecem ninguém.
O mundo muitas vezes
É tão pouco sobrenatural.

Penso nas amadas vivas e mortas,
Penso em suas filhas
Que são um pouco minhas filhas.

Ajudo a construir
A Poesia futura,
Mesmo apesar dos fuzis.

Os planetas vão se aproximando,
Alguém volta para o céu:
O universo é um só.
(MENDES, 2002, p. 85).

O trovadorismo português no século XII, Idade Média, é outro momento em que a poesia anda de mãos dadas com a música. As cantigas trovadorescas, produções literárias daquela época, eram composições poéticas cantadas e acompanhadas por instrumentos musicais, dentre os quais se destacam a lira, a viola, a harpa, a flauta, o alaúde e o pandeiro.

Entre as cantigas desse período, vale destacar a cantiga lírica, oriunda de Provença, região Sul da França, que refletia a estrutura da sociedade feudal, na qual a vassalagem voltava-se para as relações amorosas materializadas pelas cantigas de amor em que o falante declara seu amor por uma dama da corte. Em virtude de sua não realização, devido à estratificação social, o sentimento transforma-se em sofrimento por parte do enunciador, tornando-o prisioneiro de uma paixão inatingível.

Vale salientar que mesmo depois desse período, quando a poesia perdeu o seu acompanhamento de instrumentos musicais, o ritmo continuou sendo responsável pela cadência dos textos poéticos; ou seja, a poesia deixou de ser cantada, mas nunca abandonou sua pulsação, sua cadência, sua musicalidade.

Esses exemplos acima expostos constatarem a estreita ligação entre a música e a poesia ao longo da história e reforça a ideia traçada nesse projeto de atrair o aluno para a leitura e para a poesia através da canção. Uma vez traçado esse paralelo, passemos à fundamentação teórica.

2. A MÚSICA, A POESIA E A LEITURA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

Onde encontro suporte para realizar esse trabalho?

O Projeto Político Pedagógico da Escola José Sotero Vieira de Melo nos fornece, na seção reservada à metodologia para a leitura, o primeiro subsídio necessário para sustentarmos este projeto. Lá, o professor do 7º ao 9º ano de Língua Portuguesa é orientado a fazer: “**Leitura, comentários e análise de textos poéticos**, publicitários, notícias de jornal e revistas, **músicas**,” (PPP Rosário do Catete, 2008, p.76; grifo nosso).

Como se percebe, o PPP de nossa escola já nos fornece uma primeira sinalização clara de que se pode, e até se deve, associar, como metodologia, a música à leitura e à poesia.

Já o referencial curricular do estado de Sergipe, formulado em 2011, enfatiza a relação leitura – visão artística de textos – literatura proposta neste trabalho:

Assim como no ensino da Língua Portuguesa, também em relação ao ensino da Literatura, faz-se necessário a superação de paradigmas. Na atualidade a Literatura “é percebida como possibilidade de validar a leitura numa prática capaz de promover a renovação e a criticidade diante do mundo real, evidenciando, por meio da visão artística, os textos, o caráter subversivo da Literatura, ao formar cidadãos mais críticos...” (Sergipe, 2011, p.73).

Noutro momento, o referencial destaca o estudo literário como uma disciplina que recorre à subjetividade, à intuição e à sensibilidade – elementos essenciais à poesia e à canção.

A Literatura não deve ser tratada como um conteúdo, mas como apropriação de uma linguagem, pois ela não constitui um conjunto de conteúdos assimiláveis, mas, sobretudo um campo que apela à subjetividade, à intuição e à sensibilidade. Dessa forma, ela não se prende a normas tradicionalmente ou a conceitos pré-determinados...” (Sergipe, 2011, p.73-74)

Também nas habilidades para o 9º ano do ensino fundamental em Língua Portuguesa consta a necessidade de leitura de textos de gêneros diversos, o que fortalece a proposta de se trabalhar com poesia, canção e suas especificidades:

- Formular hipóteses a respeito de texto, a partir da apresentação gráfica, do título do texto, do gênero ou tipo, do autor;
- Ler textos de diferentes gêneros;
- Relacionar a linguagem não-verbal à linguagem verbal;
- Inferir sentidos de um texto. - Produzir textos de diferentes gêneros;

- Reconhecer as várias vozes de um texto, a partir da identificação das marcas linguísticas da enunciação.
- Reconhecer a finalidade e as particularidades dos diferentes gêneros textuais que circulam socialmente para utilização no contexto adequado.
- Determinar o significado das palavras, identificando entre elas semelhanças, diferenças, oposições. (Sergipe, 2011, p.81).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, por sua vez, trazem a definição de música: “a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio”. (BRASIL, 1998, p. 45)

Este documento indica como **objetivos do ensino fundamental** que os alunos sejam capazes de: “utilizar as diferentes linguagens — verbal, **musical**, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, **interpretar e usufruir das produções culturais**, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;” (BRASIL, 1998, p. 56; grifos nossos).

Além disso, os PCN também expõem os valores, normas e atitudes gerais a serem desenvolvidas já no 1º e 2º ciclos iniciais”: Valorização da **leitura como fonte de fruição estética e entretenimento**... Interesse, iniciativa e autonomia para ler, **especialmente textos literários** e informativos.” (BRASIL, 1998, p.81; grifos nossos).

Como já exposto, os PCN reforçam essa possibilidade de se buscar a leitura como prazer e entretenimento, especialmente a leitura dos textos literários. Através da linguagem musical podemos buscar essa fruição estética da poesia. Assim fazendo, formaremos leitores pelo prazer e a poesia novamente terá seu lugar de destaque no ambiente escolar.

Se o PPP da nossa escola e os PCN já nos dão o embasamento necessário para a realização deste trabalho com o 9º do ensino fundamental, é na BNCC que essa fundamentação se torna ainda mais sólida e auspiciosa.

Numa leitura inicial, encontramos dez momentos em que este documento reforça a ideia contida neste trabalho, seja para se explorar a leitura por fruição, a escuta de mídias, a fruição de obras literárias, a apresentação de cantigas e canções, o uso de imagens orais em movimento, a leitura ou a produção e escuta de textos que circulam em mídias. Abaixo citamos alguns trechos que sustentam e reforçam o ideário deste trabalho:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes **experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos**, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais

permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e **por outras linguagens**. (BNCC, 2017, p. 65-66; grifos nossos).

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com **os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação**, sendo exemplos **as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias**; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BNCC, 2017, p. 67; grifos nossos).

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito **não somente ao texto escrito**, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou **em movimento** (filmes, vídeos etc.) e ao **som (música)**, que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BNCC, 2017, p. 68; grifos nossos).

Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, **declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros)**, peça teatral, apresentação de cantigas e canções (BNCC, 2017, p. 74-75; grifo nosso).

Na competência específica da Língua Portuguesa para o ensino fundamental:

3. **Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos** que circulam **em diferentes campos de atuação e mídias**, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, **de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo**. (BNCC, 2017, p. 83; grifos nossos).

9. **Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas**, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, 2017, p. 83).

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, **de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita**. (BNCC, 2017, p. 134; grifos nossos).

No campo artístico-literário:

O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica... (BNCC, 2017, p. 152; grifos nossos).

Habilidade específica do 9º ano do ensino Fundamental:

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BNCC, 2017, p. 183; grifos nossos).

Do exposto, percebemos claramente que tanto o projeto político-pedagógico quanto os parâmetros curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum nos fornecem os subsídios necessários para trabalharmos a canção como instrumento para o incentivo à leitura e o letramento poético em sala de aula.

Em relação à frequência de leitura, três alunos disseram não ler (11,1%), dez disseram ler de vez em quando (37,0%), quatro quando o professor exige (14,8%), nove às vezes (33,3%) e um estudante disse ler sempre (3,7%).

Sobre a quantidade de livros lidos, seis alunos revelaram nunca ter lido nenhum paradidático (22,2%), seis disseram ter lido até três obras (22,2%), outros cinco disseram ter lido entre quatro e sete e (18,5%) e, finalmente, nove alunos disseram ter lido mais de sete desses livros (33,3%).

Perguntados sobre qual livro mais gostaram de ter lido, as respostas foram as mais variadas possíveis: *O Pequeno Príncipe*, *Como eu era antes de você*, *A Cabana*, *Sonhos de Lari*, *Diário de um Banana*, *A Visita*, *Alice no País das Maravilhas*, *Zero*, *A Menina dos olhos bicolores* e *Romeu e Julieta*.

Quando perguntados, na questão sete, sobre qual opção eles acreditavam mais contribuir para o futuro, vinte responderam ser a leitura (74%), cinco disseram ser a música (18,5%) e dois disseram ser os *games* (7,4%). Já quando a pergunta se refere ao que eles mais gostam, questão oito, a preferência de dezoito é pela música (66,6%), seguida dos games com oito (29,6%) e da leitura com um (3,7%).

Sobre a definição e exemplificação de rima, onze disseram não saber o que era (40%), nove disseram saber o que era, mas revelaram que não conseguiam definir nem exemplificar (33,3%). Quatro tentaram definir (14,8%): “frase que faz sentido com outra”, “palavra que combina”, “Palavra que rima”, “palavra parecida com outra” e apenas três conseguiram exemplificar (11,1%).

Sobre a leitura de poemas, o resultado foi que 22 alunos responderam nunca ter lido (81,4%), um disse não se lembrar (3,7%) e quatro citaram: “Soneto de Fidelidade”, “Um novo Deus”, “A Bailarina”, “O Bem de Pickwick” (14,8%).

De forma similar à questão anterior, quando perguntados quais poetas conhecem ou ouviram falar, vinte responderam não saber (74%), um respondeu não se lembrar (3,7%), quatro disseram “Vinícius de Moraes” (14,8%), um respondeu “Dickens” (3,7%) e o outro “Beto Barbosa” (3,7%).

A última questão da sondagem perguntava se os alunos sabiam o que era um campo semântico ou se eram capazes de dar um exemplo. Todos os 27 alunos disseram não saber, nem conseguiram dar um exemplo (100%).

A partir das respostas a esse questionário, convém fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, podemos observar que a maioria dos alunos têm livro em casa (didático ou paradidático), muitos dos quais, são ofertados pela escola, embora o número dos que têm poesia seja de apenas 29%, ou seja, a escola precisa contribuir na apresentação do aluno à poesia, uma vez que a grande maioria não tem acesso a esse tipo de Literatura.

Por outro lado, boa parte dos alunos não vivenciam o hábito da leitura em casa, dizem ler apenas de vez em quando e só leram até três livros. Esses dados aumentam a responsabilidade da escola no estímulo, incentivo e formação do leitor porque demonstram a ausência de um referencial de leitura em casa, não evidenciam a leitura como um hábito e confirmam a fragilidade da prática leitora por parte dos alunos. Como a nossa escola não possui um projeto de leitura que adote livros paradidáticos anualmente por série, turma, fica a cargo de cada professor, em seu planejamento individual, realizar, ou não, essa atividade.

Sobre a predileção dos livros já lidos, convém ressaltar a diversidade dos títulos apontados. De clássicos como *Romeu e Julieta* e *Alice no País das Maravilhas* a romances juvenis como *A Culpa é das Estrelas* e *Diário de um Banana*.

Outro dado que é importante destacar: os alunos reconhecem a relevância da leitura para a construção do futuro, uma vez que vinte (74%) afirmaram acreditar nessa contribuição, em detrimento da música (18,5%) e dos games (7,4%).

Embora reconhecendo a leitura como imprescindível para o futuro, dezoito alunos preferem a música (66,6%), outros oito os games (29,6%) e apenas um a leitura (3,7%). Do exposto, percebe-se que os discentes percebem a importância da leitura para o seu futuro, muito embora não a associem ao prazer, como a música e os *games*, mas a uma obrigação.

Esse dado vem para reforçar a ideia desse projeto: utilizar a música como estímulo para a leitura e o letramento poético. A música seria esse canal capaz de apresentar o jovem ao mundo da leitura e da poesia com ludismo e prazer.

Mais gritantes ainda são os resultados das questões sobre rimas, poemas, poetas e campo semântico. 73% dos alunos não souberam responder o que é uma rima ou conseguiram exemplificar. É um número muito alto para um conceito tão simples e usual. Outros 81%, mesmo alguns possuindo livros de poesia em casa, disseram nunca ter lido um poema. Já 77,7% não conseguiram citar um poeta sequer e 100% não conheciam nem sabiam exemplificar campo

semântico. Um letramento poético fazia-se necessário e era sobre essa realidade que precisávamos nos debruçar.

Do exposto, podemos perceber que a poesia é um dos gêneros literários mais distantes dos alunos. Quando questionados, poucos se recordam de algum poeta ou poesia. A maioria só teve acesso às que leram em algum livro didático. Resumindo, a poesia não faz parte do universo dos alunos.

Esses alunos, em geral, não possuem o hábito da leitura. O contato com a leitura e a escrita se resume, muitas vezes, às atividades em sala de aula. Muitos não sabem ler direito e o que é pior: dizem não gostar de ler. Essa ausência pelo gosto da leitura gera, a meu ver, algumas consequências imediatas: o distanciamento das obras literárias, a dificuldade em compreender textos e em produzi-los, entre outras.

Por outro lado, percebemos, nesses mesmos alunos, uma grande motivação quando se trabalha com atividades extraclasse como esporte, **música**, dança, eventos, gincana, excursão, entre outros. Sobretudo para com os dois primeiros. É sobre esse ponto que vamos nos deter mais à frente.

Em geral, os pais não acompanham o desenvolvimento dos filhos na escola. É muito comum ouvir de alguns pais que “já não sabem o que fazer” para que os filhos os atendam em casa. Para muitos deles, o tempo que os seus filhos passam na escola é de “descanso e alívio”. Com raríssimas exceções, esses pais não leem para os filhos, não acompanham as tarefas e, muitos deles, nem sequer são alfabetizados. De cerca de dois mil pais convidados às reuniões, apenas cerca de trinta comparecem. A frequência só aumenta ao final do ano quando alguns pais vêm saber o porquê do baixo rendimento dos seus filhos.

A estrutura física da escola não é das melhores: colocaram ar-condicionado nas salas de aula, mas a instalação elétrica não permite a utilização; os ventiladores estão, em sua maioria, quebrados; o barulho externo, do pátio e de uma mini quadra da escola localizada ao fundo das salas, acaba entrando para a classe, o que prejudica bastante o andamento das aulas.

Além disso, não há livro didático para todos os alunos, a xerox é bastante limitada e só há uma sala com recursos multimídia (internet muito precária) para uma demanda de cerca de 15 turmas no turno matutino. Tudo isso faz com que, muitas vezes, a prática do professor em sala de aula fique muito restrita à lousa e ao pincel.

Segundo dados do IBGE, o Índice de Desenvolvimento Humano de Rosário do Catete é de 0,631. Está na média nacional. O município detém a maior renda per capita de Sergipe devido à exploração do minério de potássio (Silvinita). Por outro lado, se pela variável renda, estamos “no topo” do IDH, são pelas variáveis grau de escolaridade e nível de saúde da população que esse índice decai ao já referido dado.

Segundo o INEP, como podemos observar na tabela abaixo, a nossa escola conseguiu atingir a meta do IDEB 2017, muito devido ao fluxo de aprovação (de cada 100 alunos, 89 foram aprovados – 0,89). Já a rede estadual do município, para efeito de comparação, apesar de obter uma nota melhor na prova, teve o seu desempenho influenciado negativamente pelo fluxo de aprovação.

	APRENDIZADO	FLUXO	IDEB 2015/META	META 2017
NOSSA ESCOLA	4,16	0,89%	3,7/3,7	3,9
ESTADO	4,67	0,63%	2,9/4,1	4,4

Fonte: <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/28016912>. Acesso em 10 jul.2018.

4. OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Utilizar a música como instrumento para o letramento poético e o estímulo à leitura no nono ano do ensino fundamental da Escola Municipal Desembargador José Sotero Vieira de Melo no município de Rosário do Catete- Sergipe.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Associar a atratividade da música/canção com o gosto pela literatura, em especial pela poesia;
2. Estimular, fortalecer e ampliar a fruição da leitura da letra de música pelos alunos;
3. Aproximar os alunos do texto poético;
4. Identificar sonoridades e conceitos básicos de metrificação: verso, rimas, estrofe, ritmo, sílabas poéticas...;
5. Identificar os efeitos de sentido de uma música/ texto poético;
6. Realizar análise de três canções: “Flor de Lis” (Djavan), “Pais e Filhos” (Legião Urbana) e “Trem Bala” (Ana Vilela);
7. Promover debates sobre a temática das canções;
8. Estabelecer diferenças e semelhanças entre canção e poema;
9. Compreender a diferença entre denotação e conotação;
10. Identificar alguns recursos presentes em quatro níveis do texto poético: título, versos e estrofe (gráfico), rimas (fônico), antítese e metáfora e outras figuras de linguagem (semântico).

5. METODOLOGIA

Antes de adentrarmos na metodologia propriamente dita, convém retomar aqui, brevemente, a estreita relação entre música e poesia já abordada na fundamentação teórica para reforçar a ideia que o trabalho com música é capaz de estimular o letramento poético.

Octavio Paz sustenta que o poema não é o único meio para se chegar a poesia, uma vez que a poesia está nas coisas, desde que estas se neguem ao mundo da utilidade e se transformem em imagens, criando uma forma peculiar de comunicação.

Todorov, por sua vez, advoga que o professor deve fazer a aproximação do aluno ao texto, a fim de, num primeiro momento, criar o gosto pela leitura e, posteriormente, apresente textos literários mais complexos.

Staiger defende que, devido ao seu lirismo, poemas nasceram para ser musicados. Já Sorrenti sugere que, tanto musicalizar poemas quanto estudar canções da MPB são estratégias para realizar o letramento poético.

Por fim, vale ressaltar que, quanto à forma, em geral, ambos são escritos em versos e estrofes, possuem ritmo, sonoridade, rimas, melodia. Quanto ao conteúdo, a associação das palavras cria efeitos, figuras, sentidos, imagens, sensações. Assim, entendemos que, nessas canções estudadas, a poesia está na música e a música está na poesia.

Nossa proposta metodológica será a confecção de um caderno pedagógico com a análise de três músicas: “Flor de Lis” (Djavan), “Pais e Filhos” (Legião Urbana) e “Trem Bala” (Ana Vilela). Tomaremos por base a sequência didática básica de letramento literário de Rildo Cosson, a qual prevê quatro etapas: motivação, introdução, leitura, interpretação. No entanto, para um melhor estudo da obra em seus aspectos formais, entendemos ser necessário acrescentar mais uma etapa entre a leitura e a interpretação, a qual denominaremos de análise estrutural e que terá por objetivo verificar a contribuição de aspectos estruturais das músicas em seus aspectos fônico, lexical, sintático e semântico para a completude e unicidade da obra. Num breve resumo:

5.1 Motivação

A leitura demanda uma preparação, uma antecipação, em geral de ordem temática. A motivação é o momento de aproximar o aluno da obra literária. Segundo Cosson, a motivação é “a construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou

posicionar-se diante de um tema [...]” (COSSON, 2012, p. 55). Essa fase objetiva exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. A nossa motivação será feita de forma oral e com duração de não mais de uma aula. Para cada poema/canção haverá uma motivação específica.

Trem Bala	Pais e Filhos	Flor de Liz
Discussão breve: questões norteadoras. 1. Você sabe o que é um trem bala? Sabe até que velocidade atinge? 2. Em que único momento (tempo) podemos fazer acontecer em nossas vidas? 3. A nossa sociedade consuminsta busca muito o “TER” (possuir). É possível SER feliz sem ser rico?	Discussão breve: questões norteadoras. 1. Quem desta sala mora com os pais? Como você descreveria o relacionamento com seus pais? 2. O que levaria uma pessoa a cometer suicídio? 3. Em que único momento (tempo) podemos fazer acontecer em nossas vidas?	Discussão breve: questões norteadoras. 1. Alguém sabe o que é uma Flor de Lis? 2. O que poderia fazer um relacionamento amoroso mudar de forma repentina? 3. Quando se está enamorado, deve-se entregar cegamente a um amor? Que consequências isso pode trazer?

5.2 Introdução

É o momento de apresentação, de forma breve, do autor e da obra. Segundo Cosson, é preciso falar da obra e de sua importância, justificando assim a escolha. A nossa introdução será feita na mesma aula da motivação, uma vez que essa etapa deve ser executada de forma rápida, em consonância com sua função: permitir que o aluno receba a obra de forma positiva e despertar a curiosidade dos alunos sobre os textos a serem trabalhados.

Trem Bala	Pais e Filhos	Flor de Liz
1. Apresentar a canção “Trem Bala” - texto impresso. 2. Apresentar a autora Ana Vilela. 3. Explorar o título da canção. 4. Falar sobre a importância da obra.	1. Apresentar a canção “Pais e Filhos” - texto impresso. 2. Apresentar a banda Legião Urbana (integrantes) 3. Explorar o título da canção. 4. Falar sobre a importância da obra. 5. Mostrar o álbum que lançou a canção no mercado.	1. Apresentar a canção “Flor de Lis” - texto impresso. 2. Apresentar o autor Djavan. 3. Explorar o título da canção. 4. Falar sobre a importância da obra. 5. Mostrar o álbum que lançou a canção no mercado.

5. Mostrar o álbum que lançou a canção no mercado.	6. O professor deve realizar uma primeira leitura em voz alta do texto.	6. O professor deve realizar uma primeira leitura em voz alta do texto.
6. O professor deve realizar uma primeira leitura em voz alta do texto.	7. Estabelecer uma expectativa positiva em relação à leitura.	7. Estabelecer uma expectativa positiva em relação à leitura.
7. Estabelecer uma expectativa positiva em relação à leitura.	8. Despertar a curiosidade dos alunos em relação sobre os textos.	8. Despertar a curiosidade dos alunos em relação sobre os textos.
8. Despertar a curiosidade dos alunos em relação sobre os textos.		

5.3 Leitura

Em nosso caso específico, trabalharemos em três momentos: primeiro uma leitura acompanhada para que se perceba a entonação, altura, tom, intensidade e ritmo do texto, posteriormente, a audição da música, que caso necessário, poderá ser feita mais de uma vez a fim de fixar melodia, ritmo, letra e, por fim, a cantoria da turma com o acompanhamento de violão pelo professor (momento preferido de muitos alunos). “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” (COSSON, 2012, p. 62).

5.4 Análise estrutural

Essa etapa não consta na proposta original de letramento literário adotada por Cosson. No entanto, consideramo-la importante para que o aluno possa compreender melhor como se estrutura uma canção/poema (versos, estrofes, refrão, eu lírico). Nesse momento, analisaremos como poema/canção se organiza e se estrutura e como isso contribui para o entendimento do texto como uma unicidade entre forma e conteúdo que deve ser recuperada no momento da interpretação, resgatando assim a sua unidade orgânica. Assim, na canção “Pais e Filhos”, por exemplo, os versos de eu líricos alternados entre pais e filhos no texto sugerem o diálogo, ou a ausência dele, na relação familiar. É a estrutura textual (forma) reforçando o seu sentido (conteúdo).

Esse é o momento em que analisaremos como poema/canção se organiza e se estrutura e como isso contribui para o entendimento do mesmo como uma unicidade entre forma e conteúdo que deve ser recuperada no momento da interpretação, resgatando assim a sua unidade orgânica. Desse modo, assevera Norma Goldstein:

Como toda obra de arte, o poema tem uma unidade, fruto de características que lhe são próprias. Ao analisar um poema, é possível isolar alguns de seus aspectos, num procedimento didático, artificial e provisório. Nunca se pode perder de vista a unidade do texto a ser recuperada no momento da interpretação, quando o poema terá sua unidade orgânica reestabelecida. (GOLDSTEIN, 2006,11).

Para a análise estrutural das canções, levaremos em conta, sobretudo, os aspectos que possam contribuir para a sua interpretação. A título de exemplo, eis alguns elementos que podem ser estudados: ritmo (cadência, compasso, pulsação), noções de versificação (verso, estrofe, refrão, sílabas métricas, versos regulares, brancos, livres, rimas interna, externa, rica, pobre, alternada, emparelhada, interpolada), figuras de efeito sonoro, de similaridade, de contiguidade, de oposição), níveis lexical, sintático e semântico. Essa etapa terá a duração de uma aula.

5.5 Interpretação

É o momento de construção dos sentidos, por meio de inferências que envolvem o autor, o leitor, o texto e a comunidade. Essas interpretações acontecem em dois momentos: um interior, encontro individual do leitor com a obra, (decifração de palavras, páginas, capítulos, por meio da história de leitor do aluno, e tudo que constitui o contexto de leitura) e o outro exterior (quando ocorre a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade, por meio do compartilhamento da interpretação com os colegas e professor).

Essa etapa terá a duração de uma aula. Ao final, espera-se que o aluno possa:

1. compreender o texto em partes e de uma forma global;
2. Inferir uma informação implícita no texto;
3. Inferir a intenção comunicativa da canção;
4. interpretar o texto;

6. MÚSICAS

6.1 “Trem Bala” – Ana Vilela

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
 É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
 É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
 É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós

É saber se sentir infinito
 Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar
 Então fazer valer a pena
 Cada verso daquele poema sobre acreditar

Não é sobre chegar
 No topo do mundo e saber que venceu
 É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
 É sobre ser abrigo
 E também ter morada em outros corações
 E assim ter amigos contigo em todas as situações

A gente não pode ter tudo
 Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
 Por isso eu prefiro sorrisos
 E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
 E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar
 Também não é sobre
 Correr contra o tempo pra ter sempre mais
 Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás

Segura teu filho no colo
 Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
 Que a vida é trem-bala parceiro
 E a gente é só passageiro prestes a partir

Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
 Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá

Segura teu filho no colo
 Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
 Que a vida é trem-bala parceiro
 E a gente é só passageiro prestes a partir

Disponível em <https://www.letras.mus.br/ana-vilela/trem-bala/>. Acessado em 1 dez.

A escolha de “Trem Bala”, composta por Ana Vilela e com lançamento oficial em 2017 pela Som Livre, deu-se pela necessidade de se colocar uma música contemporânea, popular e mais ao gosto dos alunos, sem abrir mão do lirismo e da temática reflexiva. Além disso, sua linguagem é simples e seu conteúdo é recorrente aos poetas: a fugacidade da vida, o Carpe Diem, o necessário (básico) para ser feliz. Sua melodia e ritmos são uniformes e o próprio título já é uma metáfora: A vida é “Trem Bala” ... E a gente é só passageiro...

6.2 “Pais e Filhos” - Legião Urbana

**Estátuas e cofres e paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender**

**Dorme agora
É só o vento lá fora**

**Quero colo! Vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo, tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três**

**Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito**

**É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há**

**Me diz, por que que o céu é azul?
Explica a grande fúria do mundo
São meus filhos
Que tomam conta de mim**

**Eu moro com a minha mãe
Mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua, não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar**

**Já morei em tanta casa
Que nem me lembro mais
Eu moro com meus pais**

**É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã**

**Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há**

**Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não entendem
Mas você não entende seus pais**

**Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer?**

Disponível em <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22488/>. Acessado em 1 dez. 2018.

“Pais e Filhos” é um clássico do rock nacional. Foi composta pela banda Legião Urbana e lançada em 1989 pela EMI. Embora a maioria das pessoas só se atente ao refrão, essa música possui uma temática forte, atual e instigante, sobretudo para os mais jovens. É uma música de eu-lírico múltiplo: são várias vozes presentes, uma melodia que alterna ritmos, falas e focos. É uma música que nos faz refletir e nos traz a constatação de que o amor é um sentimento a ser vivido no momento presente.

6.3 “Flor de Lis” – Djavan

**Valei-me, Deus
É o fim do nosso amor
Perdoa, por favor
Eu sei que o erro aconteceu
Mas não sei o que fez
Tudo mudar de vez
Onde foi que eu errei?
Eu só sei que amei
Que amei, que amei, que amei**

**Será talvez
Que minha ilusão
Foi dar meu coração
Com toda força
Pra essa moça
Me fazer feliz
E o destino não quis
Me ver como raiz
De uma flor de lis**

E foi assim que eu vi

**Nosso amor na poeira, poeira
Morto na beleza fria de Maria**

**E o meu jardim da vida
Ressecou, morreu
Do pé que brotou Maria
Nem margarida nasceu
E o meu jardim da vida
Ressecou, morreu
Do pé que brotou Maria
Nem margarida nasceu**

Disponível em <https://www.letras.mus.br/djavan/45527/>. Acessado em 1 de dez 2018.

A escolha da música “Flor de Lis”, composta por Djavan e com lançamento em 1976 se deu em decorrência do lirismo amoroso, dos versos melódicos, do ritmo, das figuras que ora se apresentam. Acreditamos que a maioria dos alunos ainda não conhece essa música e que trabalhá-la em sala seria uma ótima oportunidade de apresentá-los a uma pequena amostra poética da nossa música popular brasileira.

No trabalho final, apresentaremos a discussão teórica que embasa essa temática e confeccionaremos um caderno pedagógico em que as canções são analisadas em seus níveis fônico, lexical, sintático e semântico.

7. CRONOLOGIA

As atividades estão previstas para serem aplicadas em 12 aulas de 50 minutos assim distribuídas.

Aula 1	Canção motivacional “Trem Bala”
Aula 2	Introdução e motivação da canção “Pais e Filhos”
Aula 3	Escuta, leitura e expressão da canção “Pais e Filhos”
Aula 4	Análise estrutural e interpretação da canção “Pais e Filhos”
Aula 5	Introdução e motivação da canção “Flor de Lis”
Aula 6	Escuta, leitura e expressão da canção “Flor de Lis”
Aula 7	Análise estrutural da canção “Flor de Lis”
Aula 8	Jogo Cartado Poético Nível 1 - rima
Aula 9	Jogo Cartado Poético Nível 2 - rima e campo semântico
Aula 10	Jogo Cartado Poético Nível 3 - rima, campo semântico e autoria
Aula 11	Culminância - Exposição de cartazes (tirinha), musicalização de poemas e jogo “Cartado Poético”
Aula 12	Culminância - Exposição de cartazes (tirinha), musicalização de poemas e jogo “Cartado Poético”

8. RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA COM A CANÇÃO/POESIA NA SALA DE AULA

A proposta de trabalhar canções/poemas na sala de aula com o objetivo de fomentar a leitura e o letramento poético nasceu, mesmo de forma diferente, bem antes do PROFLETRAS. Como toco violão, e os alunos gostavam das aulas com música, já utilizava canções para promover debate sobre temas diversos, bem como para explorar seus aspectos linguísticos, poéticos e semânticos. Já havia o prazer, faltava o conhecimento acadêmico para fundamentar essa prática pedagógica.

Nesse sentido, creio que foram muitas e grandes as contribuições do PROFLETRAS à minha prática docente. Em especial, destaco: a possibilidade de tomar conhecimento e de utilizar, a partir das leituras feitas, de uma fundamentação teórica que apoia e sustenta este trabalho; a utilização de uma metodologia mais planejada, elaborada e detalhada, com objetivos mais claros e específicos; o conhecimento e a percepção da legitimidade deste trabalho ratificada pelos documentos oficiais; a oportunidade e possibilidade de confeccionar um jogo que possibilite associar o ludismo ao letramento poético; a perspectiva da possibilidade de confeccionar, a partir dessa experiência, novas sequências didáticas para outros desafios/dificuldades encontrados em sala de aula.

Essa experiência de trabalhar a poesia e a canção na sala de aula se deu a partir do resultado do teste de sondagem, aplicado em agosto de 2018, com a turma do 9º ano do ensino Fundamental da Escola Municipal Desembargador José Sotero Vieira de Melo, localizado na cidade de Rosário do Catete-SE. Como essa turma concluiu o ensino fundamental, outra sondagem foi realizada em março desse ano com a turma do 9º “A”, da mesma escola, e os resultados não foram muito diferentes.

Em suma, os alunos não gostavam de ler, tinham pouco acesso à poesia, mas gostavam de jogos e de música. Atrair o aluno para a leitura e para a poesia através da canção foi a estratégia pensada e adotada. O jogo “Carteado Poético”, de caráter lúdico, somou-se posteriormente a esse projeto como possibilidade de letramento poético através do contato com poemas, poetas, rimas e campo semântico.

A referida turma do 9º ano “A” de 2019 é composta por 27 alunos, com uma faixa etária entre 14 e 17 anos, sendo doze meninas e quinze meninos. Além disso, é uma turma na qual ainda não havia dado aula, ou seja, aula com música pra eles pode ter sido uma novidade.

Feita a sondagem, o meu objetivo principal, após a análise dos dados, era pensar em estratégias que pudessem levar esses alunos a terem um contato mais efetivo com a canção, e, a partir daí, despertar neles o gosto e o interesse pela leitura e pela poesia.

A partir daqui, farei um relato cronológico da aplicação da sequência didática e das minhas impressões, dos problemas encontrados na aplicação, da reação dos alunos e dos resultados esperados e atingidos.

8.1. Da aplicação da canção “Trem-Bala”

Previsão 50 min. – Execução 50 min.

Aula 1 - No dia vinte e um de outubro de 2019 (segunda-feira), às 10h10min na turma do 9º ano “A” iniciou-se a aplicação do presente trabalho. Para ser o mais fidedigno possível ao registro dessa aplicação, avisei aos alunos que a partir daquele momento as aulas seriam gravadas e procedi a gravação do áudio das mesmas, do meu celular, através do aplicativo “Gravador de voz” disponível na internet.

Com exceção da caixa de som da escola, a fim de evitar contratempos, todo o material necessário para aplicação do projeto (notebook, projetor, violão, cabo de áudio, cabo HDMI, cabo de violão) foi providenciado, previamente, por mim.

Com o objetivo de realizar a motivação, primeira etapa da sequência didática, apresentei o título da primeira canção com a qual iríamos trabalhar “Trem Bala”, de Ana Vilela, e conduzi o primeiro contato do aluno com essa música através de algumas perguntas e comentários sobre o seu título.

A seguir estão, na sequência, as perguntas feitas nessa aula e as respectivas respostas dos alunos: “O que é um trem-bala?” - “Trem que alcança altas velocidades”, “Qual a diferença entre um trem-bala e um trem comum?” - “A velocidade”, “Que velocidade pode atingir?” - “480 km/h” (na verdade, pode atingir 603km/h), “O Brasil possui trem-bala?” - “Não”, “Por que vocês acham que o nome da música é trem bala?” - “Porque a vida é passageira/porque passa rápido”, “Todos já ouviram essa canção?” - “sim” (esmagadora maioria), “Alguém aqui já abraçou/beijou seus pais nesta semana?” - “já”, “essa semana não” (a turma ficou dividida).

Importante destacar que o objetivo dessa etapa foi atingido. A motivação foi criada para apresentação da música e os alunos, de uma forma geral, compreenderam o título e o associaram com o teor da canção: a vida, embora não percebamos, é como um trem-bala, passa rápido demais, por isso, devemos, no momento presente, valorizar e acarinhar os que nos são próximos.

Etapa concluída, realizamos a apresentação da canção, através de fotos e de dados da cantora Ana Vilela e do álbum que a inseriu no mercado.

Em seguida, iniciamos a fase de leitura na qual foram adotados os seguintes procedimentos: leitura silenciosa do texto pelos alunos, leitura em voz alta pelo professor, audição da música.

Após reproduzir pelo notebook/caixa de som a música pela primeira vez, perguntei se os alunos já se sentiam capazes de cantar, com o acompanhamento do violão, ou se seria necessário reproduzir outras vezes. Como a maioria dos alunos já conhecia essa música, pediram para cantar logo.

Assim, a letra da canção estava projetada na lousa pelo Datashow e o violão conectado a uma caixa amplificadora. Na primeira vez, senti que alguns alunos não estavam entoando a canção e outros o faziam de forma bem discreta. A fim de motivá-los, na segunda e na terceira execução, optei por dividir a turma em duas: primeiro cantaram só as meninas e depois só os meninos. Como já esperado, pelo tom original adotado (Lá maior), que facilita para mulher, e por sua própria natureza participativa, as meninas se envolveram mais.

Por fim, na quarta oportunidade, para finalizar, avisei que todos cantaríamos juntos novamente. Foi o melhor desempenho da turma (tanto dos meninos, quanto das meninas). Fiquei satisfeito com a participação. Assim, encerrou-se a aula motivacional com a música, que já fazia parte do repertório sociocultural dos alunos, “Trem-bala”.

8.2. Da aplicação da canção “Pais e filhos”

Previsão 150 min – Execução 200 min

Aula 2 - Ainda no dia vinte e um de outubro de 2019 (segunda-feira), às 10h40min, no quinto horário, iniciamos o trabalho com a música “Pais e Filhos”. Os alunos foram avisados que a referida canção seria trabalhada em três aulas por causa da análise estrutural e do exercício de interpretação que também seriam feitos.

Com o objetivo de realizar a motivação, expus o título da canção com a qual trabalharíamos, “Pais e Filhos”, e realizamos algumas perguntas que nos levassem à temática da canção. Seguem alguns dos questionamentos feitos e as respectivas respostas dos alunos: “Quem aqui mora só com a mãe?” – “Eu” (cerca de oito levantaram as mãos), “Quem aqui mora só com o pai?” – “Eu” (cerca de cinco alunos), “Quem aqui mora com a mãe e com o pai?” – “Eu” (cerca de oito alunos), “Quem mora com o avô ou avó?” – “Eu” (cerca de cinco alunos), “Quem mora com o tio ou com a tia?” – “Eu”, (cerca de quatro alunos), “Como vocês descreveriam o relacionamento com seus pais?” – “Ótimo”, “horrível” e “normal” (algumas

respostas captadas), “Quem aqui já abraçou seu pai ou sua mãe essa semana?” – “Eu” (cerca de dez alunos).

Desses questionamentos, pude constatar que a grande maioria dos alunos provinha de famílias de pais separados. Viviam sem a companhia e, em muitos casos, sem o devido acompanhamento simultâneo dos genitores. A canção, nesse sentido, refletiu a situação de muitos dos presentes.

Feitos esses questionamentos, expliquei que trabalharíamos com uma música de temática complexa: o suicídio e, em seguida, perguntei-lhes por qual razão alguém poderia cometer tal ato. As respostas foram variadas: “Problemas pessoais”, “Depressão”, “Preconceito”, “Racismo”, “Bullying”, entre outras. Questionei também se o suicídio só ocorria nas classes menos favorecidas e a esmagadora maioria respondeu “não”.

Terminada essa etapa motivacional, passamos a fase de introdução da canção para os alunos que, em sua grande maioria, não conheciam “Pais e Filhos” ou conheciam apenas o seu refrão. Assim, mostrei-lhes foto da banda Legião Urbana (Renato Russo, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá), o álbum que lançou essa música no mercado “As quatro estações” e algumas peculiaridades e curiosidades sobre a banda e sobre a referida canção. Nesse momento, uma aluna me questionou se não seria melhor ouvir a música primeiro, antes de conhecer a banda, álbum... Respondi que já chegaria esse momento e que estava seguindo uma metodologia pré-definida.

Por essa indagação, senti que a motivação e a introdução já tinham cumprido o seu papel: aguçar a curiosidade dos alunos, preparar o terreno, motivá-los para a leitura e envolvê-los com a temática.

Concluídas essas duas primeiras fases, passamos à leitura do texto. Inicialmente os alunos fizeram uma leitura silenciosa do texto, em seguida procurei fazer uma leitura em que os alunos percebessem a entonação, o ritmo, a expressão, as rimas e o eu lírico múltiplo. Após a leitura, fizemos a primeira audição da música e os alunos foram consultados se já se sentiam seguros para cantar com o acompanhamento do violão. A resposta foi um sonoro “Não!”. O caminho, então, foi repetir a música até que os alunos conseguissem apreender a melodia, o ritmo...

Reproduzimos a música por mais duas vezes e, nesses momentos, por algumas vezes, “mutei” (retirei o áudio por um curto período de 2 a 4 segundos), para observar se eles conseguiam continuar sozinhos e retomar a música. Os alunos iam bem no refrão, mas deixavam a desejar em outras estrofes. Como o término do quinto horário já se aproximara, deixamos a cantoria acompanhada para a próxima aula.

Aula 3 - No dia 23 de outubro de 2019 (quarta-feira), retomamos a segunda aula sobre a canção “Pais e Filhos” com uma nova audição da mesma. Pude perceber que os alunos encontraram uma dificuldade maior em internalizar a melodia dessa música. Provavelmente isso tenha ocorrido em virtude do desconhecimento da música por parte da turma, do número de estrofes da canção (onze) e, principalmente, por causa das muitas “subidas e descidas” que essa canção apresenta.

Com o intuito de transferir, literalmente, essa canção para o domínio dos alunos, resolvi pedir, por um misto de necessidade e pragmatismo, que copiassem a letra da canção que estava projetada na lousa. Alguns alunos, a princípio, reclamaram da ideia, mas acabaram concordando, uma vez que expliquei da necessidade de ter em mãos o texto para responder os exercícios de análise estrutural e de interpretação que se seguiriam.

Enquanto os alunos copiavam, o fundo musical se repetia. Alguns alunos pediram para trocar de música...Não foi aceito para que não se tirasse o foco dos alunos da música e para que a assimilação da melodia se completasse, ainda que de forma inconsciente. Depois de 25 minutos e cinco repetições (a música tem a duração de 4min50s), os alunos já haviam copiado e, com certeza, já haviam internalizado bem mais do que a letra e do que a melodia.

Copiada a música, após umas dez reproduções contadas as duas aulas, fizemos uma cantoria coletiva. Como nesse dia não havia levado o violão, entoamos a canção com o acompanhamento do karaokê baixado da internet e projetado na lousa. A participação foi muito boa, sobretudo no refrão.

Perguntei se queriam cantar novamente e a grande maioria concordou com a ideia. Considerei um bom sinal. Estavam começando a dominar a canção e o que é melhor: a maioria estava com prazer em cantar. Nessa segunda reprodução, disse que queria ouvir a voz de alguns alunos mais tímidos e citei os nomes. A participação melhorou um pouco.

Sinceramente, esperava uma participação mais global e ainda maior dos alunos: proporcional à minha empolgação. Contudo, avaliei que a dificuldade em cantar essa música e que a chegada do final do ano, com alguns alunos praticamente aprovados e outros praticamente reprovados, pesaram na indiferença de alguns. Apesar disso, considerei o resultado bem satisfatório, sobretudo após a etapa de interpretação.

A etapa de audição demorou um pouco mais que o planejado por causa do desconhecimento da canção pelos alunos e da melodia não ser de tão fácil assimilação. Os alunos consideraram-na difícil. Mas creio que esse “martelar” da música valeu a pena, pois ouvi de alguns alunos, semanas depois, que a “música não saía da cabeça”. Estavam cantando em casa, buscando na internet... Outro disse ter lembrado da aula quando a ouviu na rua e

cantarolou. Acredito que a canção para a qual alguns alunos no início “torciam o bico”, pelo desconhecimento, passou a fazer parte dos repertórios culturais dos mesmos.

O objetivo nunca foi o de mudar o gosto cultural desses jovens, mas de apresentar-lhes, com entusiasmo e divertimento, algo que pudesse-lhes ampliar, com qualidade e respeito, o repertório que já traziam. Afinal, mal comparando, ninguém pode gostar de Beethoven sem nunca ter escutado Beethoven. Contudo, quando se passa a escutar Beethoven, fica bem mais fácil gostar de Mozart. Analogamente, creio que se o estudante passa a ouvir Legião Urbana/Djavan, dentre outros, será capaz de estabelecer, sem maiores dificuldades, o seu encontro com a grande poesia.

Vencida essa etapa, passamos à análise estrutural do poema/canção. Comecei explicando que cada linha do poema e da canção é chamado de verso. Assim, um poema com catorze “linhas” possuirá, tecnicamente, catorze versos. Em seguida, perguntei “como chamamos o grupo de versos de um poema?”, ao que um aluno respondeu “Parágrafo”. Foi uma ótima oportunidade para estabelecer a diferença entre texto escrito com versos/estrofes/eu lírico (canção/poema) e textos escritos com linhas/parágrafos/narrador (conto/crônica/fábula).

Objetivando o letramento poético, além dos conceitos básicos de versos e de estrofes, trabalhamos também os de outros elementos básicos da versificação, tais como: o de rima, o de verso branco, o de classificação da estrofe quanto ao número de versos, o de eu lírico e o de refrão. Segundo Neusa Sorrenti, o uso de termos técnicos no trabalho com poesia deve ser feito com parcimônia, sempre observando o desenvolvimento e acompanhamento da turma e, principalmente, sem perder de vista que o mais importante, nesse letramento, é o prazer com que o aluno realiza o trabalho. Assim, cabe ao professor analisar o nível de entendimento e de motivação do aluno para a aplicação e para a ampliação desses conceitos.

Importante destacar na análise estrutural da música “Pais e Filhos” como a forma contribui para o conteúdo. O eu lírico dessa canção não é único, é múltiplo. Em alguns versos são os filhos que se expressam “Quero Colo! Vou fugir de casa!”, em outros, são os pais “Meu filho vai ter nome de santo”, já em outras é um terceiro que observa “Ela se jogou da janela do quinto andar”, aconselha “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”, julga “Você culpa seus pais por tudo/Isso é absurdo”.

A alternância entre as vozes de pais e filhos, que se manifesta em diversos momentos no texto, sugere a necessidade do diálogo que deveria acontecer numa relação dessas, mas não se concretiza na canção. Apesar de cada eu lírico expressar seu próprio pensamento, sua própria vontade no texto, em nenhum momento há uma resposta da outra parte. São falas isoladas. É

como se nesse tipo de relação cada um observasse apenas o seu lado, a sua necessidade, sem considerar a expressão e a necessidade do outro.

Aula 4 - Terminada essa fase, no dia 23 de outubro de 2019, no quinto horário, iniciamos a quarta aula, terceira sobre a canção “Pais e Filhos”, com o intuito de realizar uma análise do texto. A fim de melhor entendermos o “significado e alcance” de algumas palavras/expressões, fez-se necessário, antes de iniciarmos a interpretação, uma breve revisão sobre os conceitos de denotação e conotação para que os alunos pudessem compreender algumas palavras do texto em seu sentido figurado.

Vencida essa etapa, procedemos alguns questionamentos para os alunos, verso por verso, estrofe por estrofe, a fim de facilitar o processo de compreensão do texto. A percepção do sentido conotativo do léxico no primeiro verso “Estátuas e cofres e paredes pintadas”, a compreensão sobre o papel do eu lírico múltiplo na canção e o entendimento sobre a fragmentação familiar que se apresentaram foram a chave para interpretação dessa canção.

Após a realização da interpretação, pedi que os alunos respondessem, em casa, às questões de análise estrutural e de interpretação que constam no caderno pedagógico para que pudessem corrigir no início da próxima aula. Além disso, eles tomaram conhecimento que a questão dez do referido exercício, confecção de uma tirinha que possa contar, recontar ou transformar a história da canção, só seria apresentada numa aula específica de culminância a ser realizada em novembro.

Aula 5 – No dia 30 de outubro de 2019, numa segunda feira, no quarto horário, retomamos a sequência didática com a correção do exercício sobre a música “Pais e filhos”. Antes disso, fizemos uma pequena revisão sobre os conteúdos exigidos nas primeiras questões: verso, estrofe, verso branco, refrão e rimas.

Feita a revisão, passamos a corrigir o exercício. Essa tarefa não trouxe muitas dificuldades devido ao fato de que grande parte das perguntas eram abertas, exigindo uma resposta de ordem pessoal dos alunos. Mesmo assim, após ouvir as respostas dos alunos, fazíamos algumas considerações a fim de amenizar possíveis radicalismos, reducionismos e/ou extrapolações.

A aplicação da canção “Pais e Filhos”, que estava programada para ocorrer em três aulas, levou quatro devido à dificuldade em assimilação da melodia/letra da canção por parte dos alunos. Prefiri persistir até que essa canção se incorporasse ao repertório deles. Acredito ter sido uma decisão acertada.

Encerrei a quinta aula solicitando que o líder da turma criasse o grupo de Whats app “Carteado Poético 9º A” e que me adicionassem. Expliquei que, ao final do trabalho com a

canção “Flor de Lis”, brincaríamos com um baralho diferente formado por poemas, rimas e autores. A ideia fora disponibilizar as regras desse jogo de baralho e os 52 poemas para que os alunos já fossem lendo, conhecendo, adaptando-se e preparando-se para o momento da culminância.

Antecipei também que havia uma atividade facultativa de musicalização de poemas ao final do exercício da canção “Flor de Lis”. Para tal, solicitei que a turma se dividisse em três grupos e que cada grupo escolhesse um poema e um ritmo para esse fim.

8.3. Da aplicação da canção “Flor de Lis”

Previsão 150 min – Execução 200 min.

Aula 6 – Ainda no dia 30 de outubro de 2019, no quinto horário, iniciamos o trabalho com a música “Flor de Lis”.

Seguindo o nosso programa, expliquei para os alunos que a música a ser trabalhada retratava o término de um relacionamento amoroso. A partir daí, iniciamos a motivação através de algumas perguntas as quais estão transcritas a seguir, junto a algumas das respostas captadas: “Alguém sabe o que é uma Flor de Lis?” – “Não”, “Que fatos poderiam fazer o relacionamento amoroso mudar de forma repentina?” - “Brigas”, “Traição”, “Quando estamos enamorados, devemos nos entregar por completo ou com prudência uma vez que a separação pode deixar marcas?” - “Por completo”, “Por completo não”, “Depende” (a turma ficou bem dividida em relação a essa questão. “Que consequências isso pode trazer?” – “Sofrimento”.

Depois da motivação, com o intuito de despertar a curiosidade dos alunos e de estabelecer uma expectativa positiva em relação à leitura, tratamos de introduzir a canção “Flor de Lis” e o autor Djavan para a turma. Através do projetor, exploramos o título da canção, explicando que a flor de lis é uma planta rara, de estirpe nobre e muito utilizada em brasões da realeza francesa. A partir daí, exibimos algumas fotos dessa planta na internet, bem como sua representação em escudos e brasões. Para concluir essa etapa, apresentamos o álbum que inseriu essa canção no mercado, bem como apresentamos fotos do seu cantor/compositor Djavan.

Essas duas etapas deram um conhecimento mínimo para a turma sobre o título da canção e sobre seu cantor/compositor, uma vez que, pelo que pude perceber, poucos conheciam sobre eles. Encerrou-se, assim, a sexta aula do programa.

Aula 7 – No dia 4 de novembro de 2019, às 9h50min, começamos a fase de leitura do texto. Inicialmente foi solicitada uma leitura silenciosa. Em seguida, eu fiz uma leitura em voz

alta com a intenção de que os alunos percebessem a entonação, o ritmo, a expressão e as rimas do texto. Após a leitura, passamos a reproduzir “Flor de Lis” em uma versão ao vivo que já havia baixado no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=ytoY-PSK4CE>. Esse vídeo, que já estava gravado no notebook, não foi tão interessante para a turma porque tinha uma introdução instrumental muito demorada. Além disso, em algumas partes, Djavan pedia que a plateia cantasse, não deixando a letra/melodia muito clara para quem estava escutando pela primeira vez. Resolvi então, de imediato, buscar e baixar, também nessa plataforma, a canção original. Esta versão, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1axp9kKH3ng>, não foi difícil de encontrar e ficou bem melhor porque tinha um tamanho menor e era bem mais fácil de compreender.

Enquanto os alunos copiavam a letra, reproduzi essa canção por umas seis vezes (cerca de 25 minutos) e perguntei se a turma já se sentia preparada para cantar. A resposta foi positiva. Ao contrário da canção “Pais e Filhos”, “Flor de Lis” possui uma melodia de mais fácil assimilação. São apenas quatro estrofes, sendo o refrão, de maior tamanho, repetido por seis vezes a cada reprodução de 3min43s. Devido a isso, ficou muito mais fácil internalizar a melodia.

Como ocorreu com a canção anterior, cantamos todos juntos na primeira vez, pelo karaokê disponível no “youtube”, depois dividimos a cantoria por versos: as meninas cantavam o verso um, os meninos o dois, as meninas o três e assim por diante. Depois inverteu-se a ordem, os meninos cantaram o 1, as meninas o 2 e por aí se foi...

Sempre o refrão saía mais alto do que as outras partes. Além disso, com esse método de alternância, os alunos precisavam ficar espertos com os encadeamentos e com a velocidade na passagem de um verso para outro. Essa metodologia deixou-os mais ligados na música. Por fim, entoamos uma última vez com todos cantando juntos. Fiquei satisfeito com o resultado final. Assim terminou a sétima aula de nossa sequência didática.

Aula 8 – no dia 4 de novembro de 2019, às 10h40min, iniciamos o trabalho de identificar a organização estrutural da canção. Infelizmente, para essa aula não houve gravação de áudio por um lapso meu (pensei que estava gravando), o que impediu de registrar maiores detalhes sobre as manifestações dos alunos.

Como já havíamos trabalhado alguns conceitos básicos de análise estrutural na canção “Pais e Filhos” (verso, estrofe, rima...), resolvi reforçar os conceitos de denotação e conotação, também já trabalhados, como suporte preparatório para introdução das figuras de linguagem presentes na canção e cobradas no exercício do caderno pedagógico.

Desse modo, definimos e exemplificamos a metáfora, a comparação, a metonímia, a personificação e a sinestesia. Depois, oralmente, fizemos um pequeno exercício com vários exemplos das figuras estudadas. Essa atividade teve por objetivo tornar os alunos mais seguros sobre o assunto para que pudessem identificar as figuras presentes no texto e responder à questão 7 do exercício proposto no caderno pedagógico.

Finalizando a aula, também oralmente, fizemos algumas perguntas sobre a canção a fim de facilitar a compreensão do texto. Com essa atividade, encerramos a terceira aula sobre a canção “Flor de Lis”.

Aula 9 – No dia 7 de novembro de 2019, às 9h40min, iniciamos a tarefa de responder às questões propostas no exercício de interpretação. Essa atividade não colocou os alunos em dificuldade, uma vez que a canção já havia sido discutida verso por verso, estrofe por estrofe na aula anterior. Mas os alunos reclamaram de ter de copiar as questões e responder a elas no caderno. Tal fato me gerou uma certa dúvida: “Será que não deveríamos responder a esse exercício apenas oralmente?”. Oralmente tornaria a aula mais rápida, mais dinâmica e, de certa forma, mais “leve” para os alunos, que, em geral, não gostam de copiar. Por outro lado, queria muito que os alunos levassem, com suas próprias “impressões digitais”, um grão desse trabalho para casa. Residia em mim a esperança de que, quem sabe um dia, após uma incontida saudade das aulas com música do nono ano de Língua Portuguesa da Escola José Sotero, algum aluno, um tanto mais maduro, pudesse revisitá-lo e, ao contrário da aridez que acomete o eu lírico nessa canção, tal semente pudesse “no seu jardim da vida florescer...”.

Assim foi feito. Exercício no caderno, encerramos a última aula da canção “Flor de Lis” com a correção e uma sensação de dever cumprido.

8.4 Da aplicação do jogo “Carteado Poético”

Aula 10 - No dia 7 de novembro de 2019, às 10h40min, iniciamos o trabalho com o jogo intitulado “Carteado Poético”. Essa primeira aula e as outras duas que se seguiriam tiveram por objetivo explicar como funcionava a partida e simular disputas entre os participantes a fim de que se familiarizassem com as regras do jogo.

O procedimento adotado inicialmente foi o de perguntar quem gostaria de participar do jogo. Alguns alunos se dispuseram e então, como só tínhamos disponível um baralho nesse momento, formamos quatro duplas em volta do birô do professor.

Sorteamos quem daria as cartas através do popular jogo conhecido como “Zerinho ou um” no qual um representante de cada dupla tinha que fazer, simultaneamente com uma mão,

o gesto de zero ou de um. Ganhava aquele que fez um gesto exclusivo, único em relação aos demais, ou seja, quando três colocam zero, ganha aquele que apostou no um.

Essa é uma forma de iniciar o jogo com mais ludicidade. Caso o professor considere conveniente, por uma questão de tempo, de lisura, ou mesmo de simplificação, poderá, ele mesmo, fazer a distribuição das cartas. Preferimos que fossem os alunos pela questão da ludicidade, pela possibilidade de eles mesmos manusearem e sentirem-se senhores do jogo. Aliás, esse jogo não foi feito só para a sala de aula. Pode-se muito bem jogar em casa com a família e amigos e, por isso, não é essencial a presença do professor nesse processo.

Após a escolha de quem distribuiria as nove cartas para cada dupla, iniciou-se o jogo. Como o carteadado poético é um jogo que pode ser jogado em níveis/módulos/fases, optamos por começar com o nível 1: rimas. Nesse nível, venceu o jogo a dupla que conseguiu formar as três primeiras trincas de rimas. Essa escolha se deu em virtude de que a rima já havia sido trabalhada em sala de aula. Identificar as rimas, assim, seria bem mais fácil e atrativo para a fase 1. Mas, a depender do objetivo da aula, pode ser mais interessante começar com campo semântico ou autoria.

À medida que cada dupla ia vencendo, terminava-se a partida e outras quatro duplas assumiam o lugar da dupla vencedora. A intenção era de que todos os alunos pudessem participar, mas cerca de quatro alunos optaram por não jogar e tiveram suas vontades respeitadas. Os alunos vencedores aguardavam o nível 2 e, nesse intervalo, tinham a possibilidade de estudar sobre as rimas, de ler os poemas e de conhecer seus respectivos autores no material que já havia sido previamente disponibilizado no grupo de Whats app “Carteadado poético 9ºA” e, para quem não tinha celular ou estava sem internet, havia a possibilidade de consultar quatro cópias impressas desse material que também foram disponibilizadas.

Cada partida de nível 1, trinca de rimas, demorava cerca de 10 minutos. Os alunos, nesse primeiro momento, podiam consultar, tanto o material quanto o professor. Os alunos conheciam a trinca (três cartas de mesmo naipe - rima, campo semântico ou autoria) como “Par” devido ao fato de muitos conhecerem esse jogo também como “Par”. Assim, por vezes, os alunos me chamavam e perguntavam: “Isso aqui é um par, professor?”. Na maioria das vezes era. Em outras, aproveitava a oportunidade para exemplificar rimas.

Muitos dos alunos que ganhavam e saíam ficavam assistindo ao jogo e dando “palpites”. As outras duplas criticavam tal atitude. Entendi que, naquele momento, tais “pitacos” faziam parte do jogo e podiam ensinar e motivar ainda mais os brincantes. Assim, todo o horário foi preenchido com essa atividade...

Aula 11 – No dia 11 de novembro de 2019, às 9h50min, continuamos a praticar o jogo carteadado poético. Nesse dia, estávamos com quatro baralhos. Na primeira aula, jogamos no nível 2 cuja exigência foi a de formar, além de duas tricas de rimas, uma trinca de campo semântico. A compreensão deste novo conceito gerou bastantes dúvidas entre os alunos. Eis algumas das questões suscitadas: “Dor e Morte são do mesmo campo semântico?”, “Fidelidade e Amor são?”, “Mudança e Morrer?”, “Realidade e vida?”, “Morte e viagem?”, “Nascer e Crescer?”, “Esperança e Sorte?”, “Amor e Satisfação”, entre outras. Para todas essas questões, a resposta foi negativa. Explicamos que muito embora, num determinado conjunto de circunstâncias, essas palavras pudessem ter o mesmo sentido, isoladamente, sem um contexto que lhe sustente, o mesmo não ocorreria.

Desse modo, explicamos que nem toda morte carregava o sentido de dor, porque, num determinado contexto, poderia trazer alívio/livramento. Nem sempre há fidelidade no amor, nem amor na fidelidade. Assim, a fim de facilitar o trabalho dos alunos, indicamos que havia duas grandes áreas de campo semântico no carteadado que poderiam ser exploradas: Dor (sofrimento, sofrência, passamento, sofrida) e Amor (paixão, encantamento, amar, amando, carinho). Além dessas, após alguns questionamentos, passamos a considerar também no campo do Amor: amizade, consorte, sedução e aliança.

Apesar do material de apoio e de todo esforço de explicação e exemplificação do professor, esse foi o ponto em que mais os alunos sentiram dificuldades em fazer trincas nesse jogo. Talvez porque sejam várias as possibilidades de cartas que cada um pode trazer numa mão e porque o sentido que uma palavra assume para um não é o mesmo para um outro. Percebi que cada aluno enxergava o sentido de uma trinca de palavras pelo seu contexto de vida pessoal. Alguns alunos me questionaram, por exemplo, “Amar e sofrer são do mesmo campo semântico, professor?” - “Não”. Mas talvez por uma experiência de vida...

Esse questionamento me fez lembrar do início da música “Sinônimos”, interpretada por Zé Ramalho: “Quanto tempo o coração leva pra saber/ Que o sinônimo de amar é sofrer...”. A experiência de vida e o contexto fazem toda a diferença.

O mais importante é que, com a prática, os alunos ficaram mais astutos tanto na estratégia de jogo (já não descartavam cartas dos campos semânticos “Amor” e “Dor”), por exemplo, quanto no reconhecimento desses campos semânticos. O fato é que todos já estavam conseguindo fazer as trincas de rimas com muita facilidade e sem dúvidas sobre o assunto. O diferencial do vencedor, nessa fase, construía-se no campo semântico...

Aula 12 – no dia 11 de novembro de 2019, às 10h40min, continuamos o trabalho com rimas e campo semântico. Após diversas duplas conseguirem vencer, optamos por incluir o

nível 3: trinca de autoria. Desse modo, o aluno teria que formar três trincas: uma de rimas, uma de campo semântico e outra de autoria.

Não houve grandes dificuldades por parte dos alunos com a inserção da trinca de autoria. Os alunos já tinham o carteadado poético disponível no celular e havia algumas cópias impressas disponíveis para a consulta. Ainda assim, para ter uma maior segurança, os alunos chamavam o professor para uma conferência, pois ninguém queria se “queimar” (ser punido por “ter batido” sem possuir as três trincas necessárias).

Assim o jogo continuou até o final do quinto horário. Como a autoria só foi incluída nesse terceiro momento, percebi posteriormente, na sondagem final, que os alunos não conseguiram associar tanto os autores aos poemas do jogo. Talvez eu devesse ter feito uma etapa só com trincas de autoria, como ocorreu com as rimas, ou devesse ter invertido as fases e ter colocado as rimas, que também é um conteúdo simples, na terceira fase e a autoria na primeira.

Como já comentei na caderno pedagógico, isso pode ocorrer e vai depender muito do objetivo que o professor quer alcançar com o jogo. Se quiser trabalhar isoladamente só com trincas de autoria, os alunos, naturalmente, com o tempo e a prática, conhecerão, até “de cor”, alguns dos principais poemas e autores da Literatura Brasileira.

Após todo esse treinamento, como quase todos já estavam “práticos”, marcamos nossa “culminância”, antes prevista para novembro, para o período posterior à quarta avaliação (12 de dezembro).

8.5 Da Culminância

Aulas 13 e 14 – No dia 12 de dezembro de 2019, às 7h15min, realizamos a culminância desse trabalho. Inicialmente recebemos as cartolinas com as tirinhas das histórias contadas e recontadas pelos alunos a partir da canção “Pais e Filhos”. Era a resposta à questão 10 do exercício proposto no caderno pedagógico: “10. A partir da canção “Pais e filhos”, do questionário e do debate realizado em sala de aula, use de sua criatividade e construa uma tirinha que possa contar, recontar ou transformar essa história. Faça isso, como se não houvesse amanhã...”.

Foi uma atividade em duplas. Pensei que se podia aliar a habilidade de um aluno em fazer desenhos com a de outro em contar histórias. Naquela manhã, algumas cartolinas foram publicadas no pequeno mural de nossa escola. Indaguei a alguns alunos o porquê de alguns diálogos e situações nas tirinhas. Depois percebi que muitos trouxeram o enredo para a experiência de vida familiar deles. Felizmente, a grande maioria das histórias teve o final esperado nas novelas globais...

Concluída a colagem dos cartazes, passamos à culminância do Carteador Poético. Não havia “pontos nem nota” em disputa. Permiti consultar o material do celular e o material impresso. Para animar mais a turma, levei algumas caixas de chocolate. Todos os participantes do jogo ganharam um chocolate e a dupla vencedora ganhou uma caixa de chocolates “da Garoto”. O jogo foi emocionante até o final com três duplas “Pifadas” (prestes a bater). Senti que algumas duplas, apesar da prática anterior, ainda demonstraram dificuldade com o campo semântico. Espero que a alegria e a emoção de quem bateu tenha valido mais do que aquela caixa de chocolate...

Por fim, conforme havíamos combinado, concluímos a culminância com uma atividade facultativa de musicalização de poemas. Era a última questão do exercício de interpretação da música “Flor de Lis” do caderno pedagógico: “10) Agora é com vocês! Reúnam-se em grupos e escolham um dos 52 poemas que estarão adiante no carteador poético e produzam, se necessário com o auxílio de instrumentistas, a musicalização dos mesmos”.

Para essa atividade, a turma foi dividida em três grupos. Conversei, antecipadamente com o maestro da Banda Luís Ferreira Gomes, Jean Wagner, e o mesmo se prontificou, entre encontros e desencontros, a ajudar os alunos na musicalização dos poemas.

Como os alunos já haviam revelado anteriormente o desejo de não cantarem à frente dos demais colegas por vergonha, insegurança... Sugeri que trouxessem uma gravação em áudio ou em vídeo e assim foi feito. Foram musicalizados “Soneto do Amigo” de Vinícius de Moraes em ritmo de Rap, “Para Sempre” de Drummond também em ritmo de Rap e “Motivo” de Cecília Meireles em ritmo de samba. Os dois primeiros em vídeo e o último em áudio.

Interessante como a “licença poética” transformou algumas estrofes em refrãos... Tudo normal e aceitável. Interessante perceber também que os alunos do vídeo cantaram os poemas/canções de cor. Internalizaram...

Minha intenção inicial era ampliar as musicalizações e gravar um CD com os poemas musicados pelos alunos. Mas com o ano terminando... Quem sabe numa próxima oportunidade...

Deixei a escola satisfeito com o resultado final e com um gostinho de quero mais...

9. DOS RESULTADOS DA NOVA SONDAÇÃO

O resultado da nova sondagem, realizado em dezembro de 2019, trouxe algumas mudanças significativas em relação à primeira feita em março. É verdade que alguns dados não subiram tanto quanto esperávamos, mas creio que o mais importante é que a semente foi plantada. Vamos aos resultados:

Sobre quais livros os alunos possuem em casa, o resultado permaneceu praticamente inalterado. A grande maioria (88%) continua tendo o livro didático como seu maior companheiro. Essa é uma realidade que leva muito em conta fatores econômicos e socioculturais (extraclasse).

Da mesma forma, o resultado sobre o hábito da leitura em casa permaneceu inalterado. Na maioria dos casos, foram as mães e as irmãs que os alunos mais veem lendo em casa (33%). Também acreditamos que seja um dado sociocultural que não recebeu o alcance desse trabalho.

Sobre a frequência da leitura, houve uma leve alteração positiva. Na sondagem de março, três responderam nunca ler (11,1%), enquanto no questionário de dezembro esse número caiu para um (3,7%). Os que leem quando o professor exige manteve o patamar de quatro (14,8%). Os que leem sempre aumentou de um (3,7%) para três (11,1%) – apesar de ainda ser um número muito baixo, consideramos ter ocorrido uma pequena melhora. Já a grande maioria continuou respondendo que lê “às vezes” ou “de vez em quando” (70,3%).

Analisando esse tópico, acredito que, com esse trabalho, um primeiro passo foi dado. No entanto, para tornar a leitura, de fato, um hábito faz-se necessário um trabalho mais a médio e longo prazo.

Sobre a quantidade de livros lidos, não houve mudanças significativas, ou seja, o trabalho não suscitou um acréscimo considerável na quantidade de obras lidas pelos alunos. Apesar de um dos objetivos desse trabalho ser o de fomentar a leitura, não consideramos a manutenção do resultado anterior ruim. Afinal, trabalhamos a leitura com canções (textos curtos) e com prazer. Creio que somente com o tempo, com a maturação e com os estímulos necessários os alunos poderão migrar, por vontade própria, do texto curto para os livros.

Em relação à questão dos livros que mais gostaram, as respostas também foram similares às do questionário anterior, ou seja, não houve uma mudança significativa.

Depois percebi que talvez essa realidade fosse diferente se, paralelamente ao trabalho realizado, tivesse indicado ou sugerido algum livro de poesia para leitura. É uma possibilidade a ser utilizada nas próximas oportunidades...

Sobre quais opções acreditavam mais contribuir para o futuro, a maioria dos alunos continuou com a leitura (74%), a música deu uma leve crescida (22,2%) e apenas um citou os *games* (3,7%). Já em relação ao que os alunos preferem, a música ampliou levemente a sua vantagem de 66,6% para 74%, os *games* diminuíram de 29,6% para 22,2% e a leitura permaneceu com 3,7%.

Dos dados acima, depreende-se que os alunos de fato percebem a importância da leitura para o futuro deles. Mesmo assim, como na sondagem anterior, ainda não a colocam em primeiro plano em relação ao prazer. Na sociedade atual, em tempos de redes sociais e jogos no celular, é sempre difícil para a leitura ser a preferida entre os adolescentes. Mesmo não o sendo, o nível de leitura desses alunos pode e deve melhorar. Como já citado, os estímulos e o tempo podem contribuir para transformar essa realidade. A leitura deve ser desenvolvida em todas as etapas da vida.

As últimas quatro perguntas do questionário foram as que tiveram resultados mais animadores. Quando indagados, na sondagem anterior se sabiam o que era uma rima e se podiam exemplificar, apenas (25%) tentaram responder uma coisa ou outra. Na sondagem nova, (88,8%) definiram ou exemplificaram. As definições mais comuns foram “sons iguais de uma palavra com outra”, “sons parecidos”, “sons quase iguais”, “palavra que combina os sons com outra”, “sons semelhantes de duas”. Alguns dos exemplos dados foram: “amor e dor”, “morte e forte”, “vida e sofrida”, “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.

Creio que a grande maioria dos alunos internalizaram a noção de rima. As questões dos dois exercícios de interpretação, tanto de “Pais e Filhos” como de “Flor de Lis”, cobraram esse assunto. Além disso, a primeira fase do jogo “Carteado Poético” foi só sobre isso.

Sobre a leitura de poemas, enquanto na sondagem de março apenas quatro alunos revelaram ter lido pelo menos um poema na vida (14,8%), no questionário de dezembro, esse número subiu para (81,4%). Outros quatro disseram nunca ter lido (14,8%) e um disse não se lembrar (3,70%). Os poemas mais citados foram “Soneto de Fidelidade” de Vinícius de Moraes, “Motivo” de Cecília Meireles, “Soneto do Amigo” de Vinícius de Moraes e “Para Sempre” de Carlos Drummond de Andrade. Salvo “Soneto de Fidelidade”, que já havia sido citado na primeira sondagem, creio que os demais apareceram nessa lista em virtude de serem os escolhidos para a musicalização. Outro detalhe interessante é que alguns alunos citaram mais de um poema.

Esses resultados revelam que a brincadeira dos alunos com o jogo “Carteado Poético” foi capaz de aproximar o aluno do poema. Senti que o aumento no número de alunos que leram,

pelo menos um poema, não foi maior porque alguns deles se recusaram a participar desse entretenimento, o que foi respeitado.

Em relação aos poetas, quando perguntados, na primeira sondagem, quais conhecem ou ouviram falar, apenas cinco responderam adequadamente (18,5%) o nome de um poeta. Nessa segunda sondagem, 74% expuseram o poeta que conheciam.

Foi um aumento bem significativo. No entanto, percebi que se tivesse trabalhado a autoria como primeiro nível do “Carteado Poético” (os alunos teriam que formar três trincas de autoria para bater), os resultados poderiam ser bem melhores. Como já dito, isso pode ser feito a depender dos objetivos do professor.

Por fim, a última questão da primeira sondagem perguntava se os alunos sabiam o que era um campo semântico ou se eram capazes de dar um exemplo. Nenhum aluno conseguiu uma coisa ou outra (0,0%). Na sondagem de dezembro, alguns alunos tentaram explicar esse conceito: “palavras sinônimas”, “palavras de significado parecido”, “palavras derivadas”, entre outras. Outros exemplificaram: “amor e paixão”, “amar e amor”, “dor e sofrimento”, “amor e carinho”. Alguns tentaram definir e exemplificaram ao mesmo tempo.

No total, 15 alunos conseguiram definir e/ou exemplificar (55,5%). Também não é um número ideal, mas creio que já houve um grande avanço. Caso houvesse mais tempo de prática, com certeza os resultados seriam melhores.

Esses foram os dados mensuráveis colhidos em duas sondagens realizadas, uma em março e outra em dezembro de 2019. Com certeza há outros, não mensuráveis, que somente o tempo e a trajetória de vida dos alunos podem responder. Esperamos, sinceramente, ter contribuído de alguma forma para a educação e o letramento poético desses jovens.

Considerações Finais

Esse trabalho foi concebido com o sentimento de que é possível contribuir com o estímulo à leitura e com a promoção do letramento poético, através da canção, dos alunos do 9º ano do ensino fundamental. A canção, poesia com melodia, tem esse poder de emocionar, de encantar, de sensibilizar, de comover, de fazer refletir, de educar, de seduzir. O acesso do aluno à poesia representa muito mais que uma simples instrução. Significa, como diria Candido a sua humanização.

Para tanto, é imprescindível, nesse processo, o papel motivador do educador.

Sobretudo nas escolas públicas, mesmo com a instituição do currículo comum, ainda é o professor quem escolhe e prioriza o que e como cada conteúdo será trabalhado em sala de aula. Assim, quando motivado para um trabalho, independentemente do assunto, aumentam sensivelmente as chances de os alunos se inspirarem e seguirem o mesmo exemplo. Um professor motivado é sempre um espelho maior...

O trabalho com canções em sala de aula é sempre prazeroso, tanto para o professor quanto para os alunos. As atividades propostas no caderno pedagógico e no jogo “Carteado Poético” têm a intenção de estimular a leitura, de despertar a criatividade e o ludismo, de ampliar repertórios e, conseqüentemente, de humanizar.

É verdade que não se consegue mudar toda uma história de vida estudantil em catorze aulas, mas creio que se tornou possível, aos alunos que participaram desse trabalho, em maior ou menor tom, entrar em contato com grandes poemas e poetas da Literatura Brasileira, acrescentar novas experiências lúdicas, ampliar o repertório sociocultural, incorporar novos conceitos e, quem sabe, despertar alguma sensibilidade artística/poética.

Um trabalho como esse nunca está pronto e acabado. Creio que a cada ano, a cada aplicação, melhorias deverão ser acrescentadas. É um trabalho para ser replicado e adaptado à realidade concreta. Seguindo a mesma metodologia, a depender dos objetivos do professor, outras canções também poderão ser escolhidas e trabalhadas. Apenas a parte interpretativa seria, por óbvio, diferente.

Cada vez que eu trabalho com música em sala de aula, muitas ideias surgem. Cada vez que eu releio este trabalho, outras advêm. O importante é crescer com as tentativas e buscar no

ambiente acadêmico a fundamentação necessária para a concepção de uma prática lúdica e efetiva.

Em suma, este trabalho não é a solução para o problema da falta de leitura dos alunos, nem para a ausência da poesia em sala de aula. É apenas mais uma empolgada contribuição e uma possível oportunidade para quem pretenda redirecionar seu o processo de ensino-aprendizagem, objetivando o estímulo à leitura e ao letramento poético.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alexsandra Dantas Oliveira. **A canção como instrumento para o letramento lírico**. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2015.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia poética**. 64^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ALMEIDA, Adilson Oliveira. **Leitura de poesia no 9º ano do ensino fundamental: um caminho rumo ao letramento lírico**. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. – 19 de março de 2018 – versão final – Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versao_final.pdf> Acesso em: 12 de jul. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.144p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>> Acesso em: 12 jul. 2018.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In:_____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CECÍLIA, Mauro Santa. Poesia e canção na corda bamba. In: CYNTRÃO, Sylvia Helena (Org.). **Poesia: o lugar do contemporâneo**. Brasília: TEL/UnB, 2009. p. 51-58.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** (Trad. Laura Tadei Brandini). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CYNTRÃO, Sylvia. Cultura contemporânea: a redefinição do lugar da poesia. In: CYNTRÃO, Sylvia Helena (Org.). **Poesia: o lugar do contemporâneo**. Brasília: TEL/UnB, 2009. p. 47-50.

DJAVAN, **Flor de Lis**. LP: A Voz, o Violão, a Música de Djavan. Rio de Janeiro. SOM LIVRE, 1976 (3:45).

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática, 2006.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ÍNDICE IDEB. Escola Municipal Desembargador José Sotero Vieira de Melo. <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/28016912>. Acesso em 12 jul. 2018.

LEGIÃO URBANA. **Pais e Filhos**. LP: As quatro Estações. Brasília, EMI, 1989 (5:08).

MÁQUI, José S. Oliveira. **Magia das Árvores**. São Paulo: FTD, 1992.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MENDES, Murilo. **As metamorfoses**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MENEZES, Rosivânia de Souza. **A poesia mediando o letramento literário**. 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2015.

MORAES, Vinicius de. “*Soneto de fidelidade*”. In: _____. **Receita de Poesia**. Literatura em minha casa. Vol.1, poesia: Vinicius de Moraes. São Paulo: Companhia das letras, 2003, p. 16.

PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3. edição, Campina Grande/PB: Bagagem, 2007.

RAMALHO, Cristina Bielinski. **O poema na sala de aula: por novas estratégias para valorizar essa presença**. In: Trilhas da formação docente – Revista de Divulgação das atividades do Pibid. Universidade Federal de Sergipe. Volume 1, nº 1, São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

SAFO. **Hino a Afrodite**. Disponível em: <http://primeiros-escritos.blogspot.com/2007/05/safo-2-hino-afrodite.html>. Tradução de Jaa Torrano. Acesso em 9 de dezembro de 2018.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Projeto Político Pedagógico da Escola Desembargador José Sotero Vieira de Melo (2008)**. Rosário do Catete – Sergipe.

SERGIPE, Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Sergipe**. Aracaju, 2011.

SILVA, Anazildo Vasconcelos. A série Literária e a MPB In: CYNTRÃO, Sylvia Helena (Org.). **Poesia: o lugar do contemporâneo**. Brasília: TEL/UnB, 2009. p. 51-58.

SORRENTI, Neuza. **A poesia vai à escola – Reflexões, comentários e dicas de atividade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

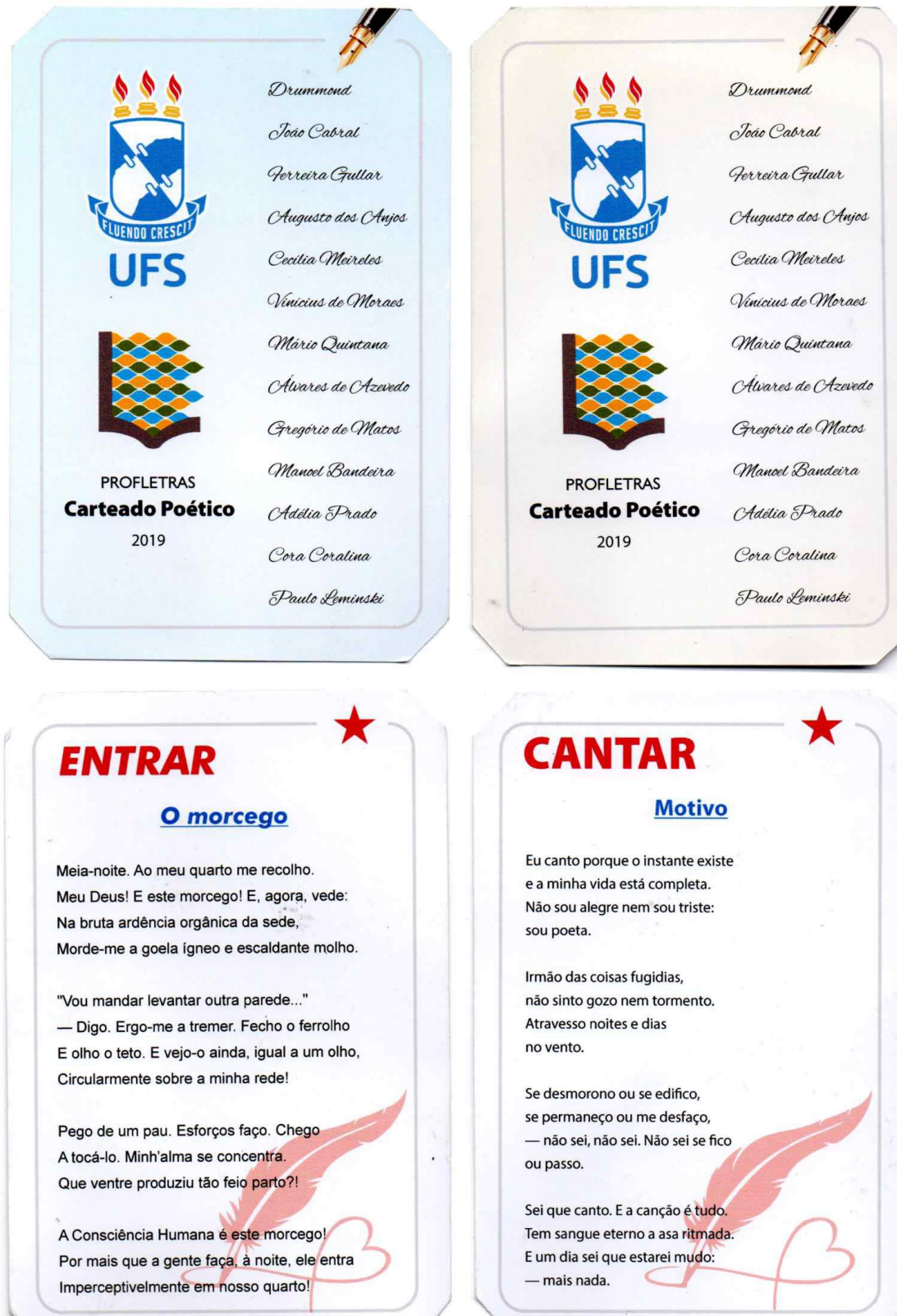
STAIGER, Emil; GALEÃO, Celeste Aída. **Conceitos fundamentais da poética**. Edições. Tempo brasileiro, 1974.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VILELA, Ana. **Trem Bala**. CD Ana Vilela. Rio de Janeiro, SOM LIVRE, 2017 (3:03)

ANEXOS

CARTEADO POÉTICO MODELO DE CARTA – VERSO E FRENTE



Como posso obter esse jogo?

1. Copie e cole no seu navegador: professoralexcalcante.blogspot.com
2. Clique em Carteadado Poético.
3. Leia com atenção as informações inerentes à confecção do jogo.
4. Tenha uma boa diversão.

CARTEADO POÉTICO

1. APRESENTAÇÃO DO JOGO

Neste tópico, são apresentados ao aluno e ao professor as principais características do jogo.

Nome do jogo: CARTEADO POÉTICO

- Objetivo do jogo - Fazer três trincas (pode ser de rimas, de autoria de poesia ou de campo semântico, a depender do critério adotado previamente pelo professor) para bater.
- O jogo é formado por um conjunto de 52 cartas (rimas, poemas) de treze autores e alguns campos semânticos. Não há um valor determinado (superior ou inferior) para cada carta do jogo.
- O carteadado poético tem como público-alvo estudantes do ensino fundamental e médio e tem por objetivo promover o letramento poético.

2. ORGANIZAÇÃO DO JOGO

Neste tópico encontram-se algumas regras de organização, distribuição e aplicação do jogo.

O carteadado poético é baseado no jogo tradicional de baralho denominado “Fôrma”, “Pé Duro”, “par”, “Pife”, “Pif PaF” ou “Cunca”, dependendo da região do país.

- O jogo pode ter de dois a oito participantes que podem atuar de forma individual ou em duplas. Os alunos que perderem ou que ficarem fora do jogo terão acesso ao material de apoio distribuído pelo professor a fim de que possam aprimorar seus conhecimentos sobre rimas, poetas e campo semântico.
- Distribuição – Um aluno é escolhido ou sorteado para traçar (misturar o baralho) e distribuir as 9 cartas para cada participante. Sendo que a última pode ser lida e mostrada (opcional) aos demais participantes.

- O participante do lado direito de quem distribuiu o baralho deve iniciar o jogo, “cavando” (pegando) uma carta no “Maço” (conjunto de cartas que sobraram da distribuição). Ele terá a opção de ficar com essa carta e descartar uma outra ou somente de descartar a carta cavada.
- A carta descartada passa a ser considerada lixo, ficará à mostra de todos e pode ser aproveitada somente pelo próximo participante que também deve ser o que está do lado direito (sentido horário) e fará o mesmo processo até que alguém “bata o jogo” (forme três trincas).

REGRAS E DEFINIÇÕES IMPORTANTES PARA O JOGO:

- **Trinca de rimas** - três cartas com a mesma rima (reiteração de sons iguais ou similares em uma ou mais sílabas que ocorrem em intervalos determinados e reconhecíveis). Ex.: coração – paixão – emoção – rima “ÃO”. A palavra a ser rimada encontra-se sempre na parte superior esquerda de cada carta.
- **Trinca de autoria** – Nesse caso, o participante pode fazer uma trinca com três poemas de um mesmo autor. Se, por exemplo, ele pegar um jogo com “quadrilha”, “no meio do caminho” e “Verbo ser”, ele formará uma trinca do poeta Carlos Drummond de Andrade. No corpo da carta estão os poemas e no verso encontram-se os nomes dos treze poetas utilizados nas trincas de autoria.
- **Trinca de campo semântico** – Há também a possibilidade de fazer trinca de palavras com o mesmo campo semântico (palavras unidas por um sentido ou com um campo de significação próximo). Pode ser de uma mesma família, ex.: amar, amei, amando, ou com sentido próximo. Ex.: dor – sofrimento – padecimento.
- **Variação no jogo:** a depender do objetivo, o professor indicará no início do jogo quais trincas podem ser feitas. Assim, poderemos ter um jogo só com trincas de rimas (nível 1), só com trincas de autoria (nível 2) ou só com trincas de campo semântico (nível 3). Também podemos formar trincas com as três possibilidades ao mesmo tempo (nível 4).
- **Rodada** - uma sequência de jogadas que ocorre até que algum jogador bata.
- **Bater** - combinar e baixar as nove cartas ou as 10 cartas (as nove que recebeu mais a da compra), formando trincas.
- **Maço** - é o bolo de cartas que sobra após a distribuição.

- **Lixeira** ou **Lixo** - é o bolo formado com as cartas descartadas, onde apenas a última carta é possível de ser aproveitada pelo jogador da direita.
- **Queimado** - é o participante do jogo que não apresentar as três trincas ao bater. Como consequência, ele fica proibido de pegar a carta descartada pelo jogador anterior como lixo. Desse modo, fica limitado a bater através de carta cavada no “maço”.
- **Pifado** – é a situação do participante que já tem duas trincas prontas e está prestes a bater. Excepcionalmente nesse caso, o jogador que está pifado pode “atravessar” a vez de qualquer outro e bater com a carta que fora descartada, mesmo não sendo a sua vez.

Vencedor

É o vencedor o jogador que bater a rodada formando as três trincas pré-estabelecidas.

CARTEADO POÉTICO - MATERIAL DE APOIO

1. RIMA

Você sabe **o que é rima**?

A **rima** é um **recurso de estilo de linguagem** bastante utilizado em textos dos **gêneros literários** estruturados em versos, como **poemas** e **músicas**. Esse recurso é utilizado com o objetivo de atribuir aos textos mais **sonoridade**, **ritmo** e **musicalidade**.

De maneira geral, a **rima** é feita entre um **verso** e outro, designando a repetição de **fonemas** (sons) **idênticos** ou **semelhantes**, geralmente, na **sílabas final** das palavras. Assim, quando pensamos no que é **rima**, logo pensamos na associação entre os **fonemas** (sons) das palavras que podem ser consideradas como **pares** nos textos. A seguir um exemplo:

Soneto de Fidelidade (Vinícius de Moraes)

De tudo ao meu amor serei atento A

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto B

Que mesmo em face do maior encanto B

Dele se encante mais meu pensamento. A

Quero vivê-lo em cada vão momento A

E em seu louvor hei de espalhar meu canto B

E rir meu riso e derramar meu pranto B

Ao seu pesar ou seu contentamento A

E assim, quando mais tarde me procure C

Quem sabe a morte, angústia de quem vive D

Quem sabe a solidão, fim de quem ama E

Eu possa me dizer do amor (que tive): D

Que não seja imortal, posto que é chama E

Mas que seja infinito enquanto dure. C

Perceba as rimas das seguintes palavras:

Rima A com final “ento”: atento, pensamento, momento, contentamento;

Rima B com final “anto”: tanto, encanto, canto, pranto;

Rima C com final “ure”: procure, dure;

Rima D com final “ive”: vive, tive;

Rima E com final “ama”: ama, chama.

2. CAMPO SEMÂNTICO

O **campo lexical de uma língua** é formado pelas palavras pertencentes a uma mesma área de conhecimento e por palavras formadas por composição (processo que forma palavras a partir da junção de dois ou mais radicais) e derivação (processo que forma uma nova palavra a partir de outra que já existe, chamada *primitiva*). Exemplo:

Campo lexical de trabalho: trabalhar, trabalhador, trabalhista, funcionário, patrão, salário, sindicato, profissão, função, carteira de trabalho, profissional, equipe, operário etc.

- ***Campo Semântico***

Já o **campo semântico** trabalha com os sentidos que uma única palavra apresenta quando inserida em contextos diversos. Ele é, portanto, o conjunto dos diversos sentidos que uma única palavra pode apresentar.

Um mesmo termo, dependendo de como e quando ele for empregado e de que palavras estiverem relacionadas a ele, pode ter variados significados. Exemplos:

Campo semântico de partir: sair, ir embora, dar o fora, sumir, morrer, quebrar, espatifar etc.

Campo semântico de morrer: falecer, apagar, bater as botas, passar para um plano superior, apagar, foi para o céu etc. É possível afirmarmos, portanto, que o campo semântico de uma palavra ou expressão é o acervo que acessamos a fim de que alcancemos a interação pretendida com o nosso interlocutor. A partir desse conjunto, podemos viabilizar as situações comunicacionais do nosso dia a dia.

3. CARTEADO POÉTICO – CADERNO DE APOIO – AUTORIA POÉTICA
1. DRUMMOND – RIMAS – POEMAS - CAMPO SEMÂNTICO

AMAR <u>Quadrilha</u> João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili, que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.	RESILIÊNCIA <u>No Meio do Caminho</u> No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra. Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho no meio do caminho tinha uma pedra.
CRESCER <u>Verbo Ser</u> Que vai ser quando crescer? Vivem perguntando em redor. Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou? Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito? Ou a gente só principia a ser quando cresce? É terrível, ser? Dói? É bom? É triste? Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas? Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R. Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso escolher? Não dá para entender. Não vou ser. Vou crescer assim mesmo. Sem ser Esquecer.	MORRER <u>Para Sempre</u> Por que Deus permite que as mães vão-se embora? Mãe não tem limite, é tempo sem hora, luz que não apaga quando sopra o vento e chuva desaba, veludo escondido na pele enrugada, água pura, ar puro, puro pensamento. Morrer acontece com o que é breve e passa sem deixar vestígio. Mãe, na sua graça, é eternidade. Por que Deus se lembra — mistério profundo — de tirá-la um dia? Fosse eu Rei do Mundo, baixava uma lei: Mãe não morre nunca, mãe ficará sempre junto de seu filho e ele, velho embora, será pequenino feito grão de milho.

2. VINÍCIUS DE MORAES

FIDELIDADE <u>Soneto de Fidelidade</u> De tudo ao meu amor serei atento Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior encanto Dele se encante mais meu pensamento. Quero vivê-lo em cada vão momento E em seu louvor hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu pranto Ao seu pesar ou seu contentamento E assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a morte, angústia de quem vive Quem sabe a solidão, fim de quem ama Eu possa me dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama Mas que seja infinito enquanto dure.	VIDA <u>Eu sei que vou te amar</u> Eu sei que vou te amar Por toda a minha vida eu vou te amar Em cada despedida eu vou te amar Desesperadamente Eu sei que vou te amar E cada verso meu será pra te dizer Que eu sei que vou te amar Por toda a minha vida Eu sei que vou chorar A cada ausência tua eu vou chorar, Mas cada volta tua há de apagar O que essa ausência tua me causou Eu sei que vou sofrer A eterna desventura de viver a espera De viver ao lado teu Por toda a minha vida.
MUDANÇA <u>Soneto de separação</u> De repente do riso fez-se o pranto Silencioso e branco como a bruma E das bocas unidas fez-se a espuma E das mãos espalmadas fez-se o espanto. De repente da calma fez-se o vento Que dos olhos desfez a última chama E da paixão fez-se o pressentimento E do momento imóvel fez-se o drama. De repente, não mais que de repente Fez-se de triste o que se fez amante E de sozinho o que se fez contente. Fez-se do amigo próximo o distante Fez-se da vida uma aventura errante De repente, não mais que de repente.	AMIZADE <u>Soneto do amigo</u> Enfim, depois de tanto erro passado Tantas retaliações, tanto perigo Eis que ressurgue noutro o velho amigo Nunca perdido, sempre reencontrado. É bom sentá-lo novamente ao lado Com olhos que contêm o olhar antigo Sempre comigo um pouco atribulado E como sempre singular comigo. Um bicho igual a mim, simples e humano Sabendo se mover e comover E a disfarçar com o meu próprio engano. O amigo: um ser que a vida não explica Que só se vai ao ver outro nascer E o espelho de minha alma multiplica...

3. CECÍLIA MEIRELES

CANTAR Motivo Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: sou poeta. Irmão das coisas fugidias, não sinto gozo nem tormento. Atravesso noites e dias no vento. Se desmorono ou se edifico, se permaneço ou me desfaço, — não sei, não sei. Não sei se fico ou passo. Sei que canto. E a canção é tudo. Tem sangue eterno a asa ritmada. E um dia sei que estarei mudo: — mais nada.	PERDIDA Retrato Eu não tinha este rosto de hoje, Assim calmo, assim triste, assim magro, Nem estes olhos tão vazios, Nem o lábio amargo. Eu não tinha estas mãos sem força, Tão paradas e frias e mortas; Eu não tinha este coração Que nem se mostra. Eu não dei por esta mudança, Tão simples, tão certa, tão fácil: — Em que espelho ficou perdida a minha face?
TRANSFORMAÇÃO Lua adversa Tenho fases, como a lua Fases de andar escondida, fases de vir para a rua... Perdição da minha vida! Perdição da vida minha! Tenho fases de ser tua, tenho outras de ser sozinha. Fases que vão e que vêm, no secreto calendário que um astrólogo arbitrário inventou para meu uso. E roda a melancolia seu interminável fuso! Não me encontro com ninguém (tenho fases, como a lua...) No dia de alguém ser meu não é dia de eu ser sua... E, quando chega esse dia, o outro desapareceu...	ENCANTAMENTO <u>Nadador</u> O que me encanta é a linha alada das tuas espáduas, e a curva que descreves, pássaro da água! É a tua fina, ágil cintura, e esse adeus da tua garganta para cemitérios de espuma! É a despedida, que me encanta, quando te desprendes ao vento, fiel à queda, rápida e branda E apenas por estar prevendo, longe, na eternidade da água, sobreviver teu movimento...

4. Mário Quintana

ESQUECIMENTO Do amoroso esquecimento Eu agora — que desfecho! Já nem penso mais em ti... Mas será que nunca deixo De lembrar que te esqueci?	POEMINHO Poeminho do contra Todos esses que aí estão Atravancando meu caminho, Eles passarão... Eu passarinho!
ESPERANÇA Esperança Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano Vive uma louca chamada Esperança E ela pensa que quando todas as sirenas Todas as buzinas Todos os reco-recos tocarem Atira-se E — ó delicioso voo! Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada, Outra vez criança... E em torno dela indagará o povo: — Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes? E ela lhes dirá (É preciso dizer-lhes tudo de novo!) Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam: — O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...	CAMINHO Envelhecer Antes, todos os caminhos iam. Agora todos os caminhos vêm A casa é acolhedora, os livros poucos. E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.

5. JOÃO CABRAL DE MELO NETO

ESCREVER Catar feijão 1. Catar feijão se limita com escrever: Jogam-se os grãos na água do alguidar E as palavras na folha de papel; e depois, joga-se fora o que boiar. Certo, toda palavra boiará no papel, água congelada, por chumbo seu verbo; pois catar esse feijão, soprar nele, e jogar fora o leve e oco, palha e eco. 2. Ora, nesse catar feijão entra um risco, o de que, entre os grãos pesados, entre um grão imastigável, de quebrar dente. Certo não, quando ao catar palavras: a pedra dá à frase seu grão mais vivo: obstrui a leitura fluviente, flutual, açula a atenção, isca-a com risco.	SOZINHO Tecendo a manhã 1. Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos. 2. E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.
CANTOR O Relógio (fragmento) Ao redor da vida do homem há certas caixas de vidro, dentro das quais, como em jaula, se ouve palpar um bicho. Se são jaulas não é certo; mais perto estão das gaiolas ao menos, pelo tamanho e quadradiço de forma. Umas vezes, tais gaiolas vão penduradas nos muros; outras vezes, mais privadas, vão num bolso, num dos pulsos. Mas onde esteja: a gaiola será de pássaro ou pássara: é alada a palpitação, a saltação que ela guarda; e de pássaro cantor, não pássaro de plumagem: pois delas se emite um canto de uma tal continuidade.	NAScer Fábula de um Arquiteto A arquitetura como construir portas, de abrir; ou como construir o aberto; construir, não como ilhar e prender, nem construir como fechar secretos; construir portas abertas, em portas; casas exclusivamente portas e tecto. O arquiteto: o que abre para o homem (tudo se sanearia desde casas abertas) portas por-onde, jamais portas-contrá; por onde, livres: ar luz razão certa. Até que, tantos livres o amedrontando, renegou dar a viver no claro e aberto. Onde vão de abrir, ele foi amurando opacos de fechar; onde vidro, concreto; até fechar o homem: na capela útero, com confortos de matriz, outra vez feto.

6. AUGUSTO DOS ANJOS

DESCONFIANÇA Versos Íntimos Vês?! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão — esta pantera — Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do esgarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!	DOR Triste regresso Uma vez um poeta, um tresloucado, Apaixonou-se d'uma virgem bela; Vivia alegre o vate apaixonado, Louco vivia, enamorado dela. Mas a Pátria chamou-o. Era o soldado, E tinha que deixar p'ra sempre aquela Meiga visão, olímpica e singela! E partiu, coração amargurado. Dos canhões ao ribombo e das metralhas, Altivo lutador, venceu batalhas, Juncou-lhe a fronte aurifulgente estrela E voltou, mas a fronte aureolada, Ao chegar, pendeu triste e desmaiada, No sepulcro da loura virgem bela.
ENTRAR O morcego Meia-noite. Ao meu quarto me recolho. Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede: Na bruta ardência orgânica da sede, Morde-me a goela ígneo e escaldante molho. "Vou mandar levantar outra parede..." — Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho, Circularmente sobre a minha rede! Pego de um pau. Esforços faço. Chego A tocá-lo. Minh'alma se concentra. Que ventre produziu tão feio parto?! A Consciência Humana é este morcego! Por mais que a gente faça, à noite, ele entra Imperceptivelmente em nosso quarto!	SOFRIMENTO Psicologia de um vencido Eu, filho do carbono e do amoníaco, Monstro de escuridão e rutilância, Sofro, desde a epigênese da infância, A influência má dos signos do zodíaco. Profundíssimamente hipocondríaco, Este ambiente me causa repugnância... Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia Que se escapa da boca de um cardíaco. Já o verme — este operário das ruínas — Que o sangue podre das carnificinas Come, e à vida em geral declara guerra, Anda a espreitar meus olhos para roê-los, E há de deixar-me apenas os cabelos, Na frialdade inorgânica da terra!

7. ÁLVARES DE AZEVEDO

MORTE Se eu morresse amanhã Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus olhos minha triste irmã; Minha mãe de saudades morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que amanhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce n'alva Acorda a natureza mais louçã! Não me batera tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o doloroso afã... A dor no peito emudecera ao menos Se eu morres se amanhã!	PASSAMENTO Lembranças de morrer (fragmento) Quando em meu peito rebentar-se a fibra, Que o espírito enlaça à dor vivente, Não derramem por mim nenhuma lágrima Em pálpebra demente. E nem desfolhem na matéria impura A flor do vale que adormece ao vento: Não quero que uma nota de alegria Se cale por meu triste passamento. Eu deixo a vida como deixa o tédio Do deserto, o poento caminheiro, – Como as horas de um longo pesadelo Que se desfaz ao dobre de um sineiro; Como o desterro de minh'alma errante, Onde fogo insensato a consumia: Só levo uma saudade – é desses tempos Que amorosa ilusão embelecia. Só levo uma saudade – é dessas sombras Que eu sentia velar nas noites minhas... De ti, ó minha mãe, pobre coitada, Que por minha tristeza te definhas!
ALIVIANDO Meu sonho EU Cavaleiro das armas escuras, Onde vais pelas trevas impuras Com a espada sanguenta na mão? Por que brilham teus olhos ardentes E gemidos nos lábios frementes Vertem fogo do teu coração? Cavaleiro, quem és? — O remorso? Do corcel te debruças no dorso... E galopas do vale através... Oh! da estrada acordando as poeiras Não escutas gritar as caveiras E morder-te o fantasma nos pés? Onde vais pelas trevas impuras, Cavaleiro das armas escuras, Macilento qual morto na tumba? ... Tu escutas... Na longa montanha Um tropel teu galope acompanha?	FLOR Adeus, Meus Sonhos! Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro! Não levo da existência uma saudade! E tanta vida que meu peito enchia Morreu na minha triste mocidade! Misérriimo! votei meus pobres dias À sina doida de um amor sem fruto... E minh'alma na treva agora dorme Como um olhar que a morte envolve em luto. Que me resta, meu Deus?!... morra comigo A estrela de meus cândidos amores, Já que não levo no meu peito morto Um punhado sequer de murchas flores!

E um clamor de vingança retumba?

Cavaleiro, quem és? que mistério...
Quem te força da morte no império
Pela noite assombrada a vagar?

O FANTASMA

Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descansa,
O delírio que te há de matar!...

8. GREGÓRIO DE MATOS

MUTABILIDADE Inconstância das coisas do mundo! Nasce o Sol e não dura mais que um dia, Depois da Luz se segue a noite escura, Em tristes sombras morre a formosura, Em contínuas tristezas e alegria. Porém, se acaba o Sol, por que nascia? Se é tão formosa a Luz, por que não dura? Como a beleza assim se transfigura? Como o gosto da pena assim se fia? Mas no Sol, e na Luz falta a firmeza, Na formosura não se dê constância, E na alegria sinta-se a tristeza, Começa o mundo enfim pela ignorância, E tem qualquer dos bens por natureza. A firmeza somente na inconstância.	MALANDRAGEM A Jesus Cristo Nosso Senhor Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado, Da vossa alta clemência me despido; Porque, quanto mais tenho delinquido, Vós tenho a perdoar mais empenhado. Se basta a vos irar tanto pecado, A abrandar-vos sobeja um só gemido: Que a mesma culpa, que vos há ofendido, Vos tem para o perdão lisonjeado. Se uma ovelha perdida e já cobrada Glória tal e prazer tão repentino Vos deu, como afirmais na Sacra História, Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada, Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino, Perder na vossa ovelha a vossa glória.
REALIDADE Descrevo que era Realmente Naquele Tempo a Cidade da Bahia A cada canto um grande conselheiro, que nos quer governar cabana, e vinha, não sabem governar sua cozinha, e podem governar o mundo inteiro. Em cada porta um frequentado olheiro, que a vida do vizinho, e da vizinha pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha, para a levar à Praça, e ao Terreiro. Muitos mulatos desavergonhados, trazidos pelos pés os homens nobres, posta nas palmas toda a picardia. Estupendas usuras nos mercados, todos, os que não furtam, muito pobres, e eis aqui a cidade da Bahia.	VANGLORIAR Desenganos da vida humana metaforicamente É a vaidade, Fábio, nesta vida, Rosa, que da manhã lisonjeada, Púrpuras mil, com ambição dourada, Airosa rompe, arrasta presumida. É planta, que de abril favorecida, Por mares de soberba desatada, Florida galeota empavesada, Sulca ufana, navega destemida. É nau enfim, que em breve ligeireza Com presunção de Fênix generosa, Galhardias apresta, alentos preza: Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa De que importa, se aguarda sem defesa Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

9. FERREIRA GULLAR

CONTAGEM Dois e dois: quatro Como dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena embora o pão seja caro e a liberdade pequena Como teus olhos são claros e a tua pele, morena como é azul o oceano e a lagoa, serena como um tempo de alegria por trás do terror me acena e a noite carrega o dia no seu colo de açucena — sei que dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena mesmo que o pão seja caro e a liberdade, pequena	APARÊNCIA Cantada Você é mais bonita que uma bola prateada de papel de cigarro Você é mais bonita que uma poça d'água límpida num lugar escondido Você é mais bonita que uma zebra que um filhote de onça que um Boeing 707 em pleno ar Você é mais bonita que uma refinaria da Petrobras de noite mais bonita que Ursula Andress que o Palácio da Alvorada mais bonita que a alvorada que o mar azul-safira da República Dominicana Olha você é tão bonita que o Rio de Janeiro em maio e quase tão bonita quanto a Revolução Cubana
ALIANÇA Os mortos os mortos veem o mundo pelos olhos dos vivos eventualmente ouvem, com nossos ouvidos, certas sinfonias algum bater de portas, ventanias Ausentes de corpo e alma misturam o seu ao nosso riso se de fato quando vivos acharam a mesma graça	FORTE Meu povo, meu poema Meu povo e meu poema crescem juntos como cresce no fruto a árvore nova No povo meu poema vai nascendo como no canavial nasce verde o açúcar No povo meu poema está maduro como o sol na garganta do futuro Meu povo em meu poema se reflete como a espiga se funde em terra fértil Ao povo seu poema aqui devolvo menos como quem canta do que canta

10. Manuel Bandeira

PAIXÃO O Último Poema Assim eu queria meu último poema Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.	AMOR O Anel de Vidro Aquele pequenino anel que tu me deste, — Ai de mim — era vidro e logo se quebrou Assim também o eterno amor que prometestes, — Eterno! era bem pouco e cedo se acabou. Frágil penhor que foi do amor que me tiveste, Símbolo da afeição que o tempo aniquilou, — Aquele pequenino anel que tu me deste, — Ai de mim — era vidro e logo se quebrou Não me turbou, porém, o despeito que investe Gritando maldições contra aquilo que amou. De ti conservo no peito a saudade celeste Como também guardei o pó que me ficou Daquele pequenino anel que tu me deste
VIAGEM Consoada Quando a Indesejada das gentes chegar (Não sei se dura ou caroável), Talvez eu tenha medo. Talvez sorria, ou diga: - Alô, iniludível! O meu dia foi bom, pode a noite descer. (A noite com os seus sortilégios.) Encontrará lavrado o campo, a casa limpa, A mesa posta, Com cada coisa em seu lugar.	INDECÊNCIA O bicho <i>Vi ontem um bicho Na imundície do pátio Catando comida entre os detritos.</i> <i>Quando achava alguma coisa, Não examinava nem cheirava: Engolia com voracidade.</i> <i>O bicho não era um cão, Não era um gato, Não era um rato.</i> <i>O bicho, meu Deus, era um homem.</i>

11. ADÉLIA PRADO

CONSORTE Casamento Há mulheres que dizem: Meu marido, se quiser pescar, pesque, mas que limpe os peixes. Eu não. A qualquer hora da noite me levanto, ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar. É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha, de vez em quando os cotovelos se esbarram, ele fala coisas como “este foi difícil” “prateou no ar dando rabanadas” e faz o gesto com a mão. O silêncio de quando nos vimos a primeira vez atravessa a cozinha como um rio profundo. Por fim, os peixes na travessa, vamos dormir. Coisas prateadas espocam: somos noivo e noiva.	CARINHO Um jeito Meu amor é assim, sem nenhum pudor. Quando aperta eu grito da janela — ouve quem estiver passando — ô fulano, vem depressa. Tem urgência, medo de encanto quebrado, é duro como osso duro. Ideal eu tenho de amar como quem diz coisas: quero é dormir com você, alisar seu cabelo, espremer de suas costas as montanhas pequenininhas de matéria branca. Por hora dou é grito e susto. Pouca gente gosta.
SEDUÇÃO Sedução A poesia me pega com sua roda dentada, me força a escutar imóvel o seu discurso esdrúxulo. Me abraça detrás do muro, levanta a saia pra eu ver, amorosa e doida. Acontece a má coisa, eu lhe digo, também sou filho de Deus, me deixa desesperar. Ela responde passando a língua quente em meu pescoço, fala pau pra me acalmar, fala pedra, geometria, se descuida e fica meiga, aproveito pra me safar. Eu corro ela corre mais, eu grito ela grita mais, sete demônios mais forte. Me pega a ponta do pé e vem até na cabeça, fazendo sulcos profundos. É de ferro a roda dentada dela.	SOFRÊNCIA Pranto Para Comover Jonathan Os diamantes são indestrutíveis? Mais é meu amor. O mar é imenso? Meu amor é maior, mais belo sem ornamentos do que um campo de flores. Mais triste do que a morte, mais desesperançado do que a onda batendo no rochedo, mais tenaz que o rochedo. Ama e nem sabe mais o que ama.

12. CORA CORALINA

APRENDIZAGEM Mãe Renovadora e reveladora do mundo A humanidade se renova no teu ventre. Cria teus filhos, não os entregues à creche. Creche é fria, impessoal. Nunca será um lar para teu filho. Ele, pequenino, precisa de ti. Não o desligues da tua força maternal. Que pretendes, mulher? Independência, igualdade de condições... Empregos fora do lar? És superior àqueles que procuras imitar. Tens o dom divino de ser mãe Em ti está presente a humanidade. Mulher, não te deixes castrar. Serás um animal somente de prazer e às vezes nem mais isso. Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar. Tumultuada, fingindo ser o que não és. Roendo o teu osso negro da amargura.	CRIANDO Considerações de Aninha Melhor do que a criatura, fez o criador a criação. A criatura é limitada. O tempo, o espaço, normas e costumes. Erros e acertos. A criação é ilimitada. Excede o tempo e o meio. Projeta-se no Cosmos
SOFRIDA Conclusões de Aninha Estavam ali parados. Marido e mulher. Esperavam o carro. E foi que veio aquela da roça tímida, humilde, sofrida. Contou que o fogo, lá longe, tinha queimado seu rancho, e tudo que tinha dentro. Estava ali no comércio pedindo um auxílio para levantar novo rancho e comprar suas pobrezinhas. O homem ouviu. Abriu a carteira tirou uma cédula, entregou sem palavra. A mulher ouviu. Perguntou, indagou, especulou, aconselhou, se comoveu e disse que Nossa Senhora havia de ajudar E não abriu a bolsa. Qual dos dois ajudou mais? Donde se infere que o homem ajuda sem participar	COLHIDA Mascarados Saiu o Semeador a semear Semeou o dia todo e a noite o apanhou ainda com as mãos cheias de sementes. Ele semeava tranquilo sem pensar na colheita porque muito tinha colhido do que outros semearam. Jovem, seja você esse semeador Semeia com otimismo Semeia com idealismo as sementes vivas da Paz e da Justiça.

e a mulher participa sem ajudar. Da mesma forma aquela sentença: “A quem te pedir um peixe, dá uma vara de pescar.” Pensando bem, não só a vara de pescar, também a linhada, o anzol, a chumbada, a isca, apontar um poço piscoso e ensinar a paciência do pescador. Você faria isso, Leitor? Antes que tudo isso se fizesse o desvalido não morreria de fome? Conclusão: Na prática, a teoria é outra.	
--	--

13. Paulo Leminski

SATISFAÇÃO Riso para Gil teu riso reflete no teu canto rima rica raio de sol em dente de ouro “everything is gonna be alright” teu riso diz sim teu riso satisfaz enquanto o sol que imita teu riso não sai	EXPRESSANDO Já disse Já disse de nós. Já disse de mim. Já disse do mundo. Já disse agora, eu que já disse nunca. Todo mundo sabe, eu já disse muito. Tenho a impressão que já disse tudo. E tudo foi tão de repente...
AMANDO Amar é coisa de minutos... Amar você é coisa de minutos A morte é menos que teu beijo Tão bom ser teu que sou Eu a teus pés derramado Pouco resta do que fui De ti depende ser bom ou ruim Serei o que achares conveniente Serei para ti mais que um cão Uma sombra que te aquece Um deus que não esquece Um servo que não diz não Morto teu pai serei teu irmão Direi os versos que quiseres Esquecerei todas as mulheres Serei tanto e tudo e todos Vais ter nojo de eu ser isso E estarei a teu serviço Enquanto durar meu corpo Enquanto me correr nas veias O rio vermelho que se inflama Ao ver teu rosto feito tocha Serei teu rei teu pão tua coisa tua rocha Sim, eu estarei aqui	SORTE Não discuto não discuto com o destino o que pintar eu assino